

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Março-Abril de 2011

Exemplar avulso: R\$ 10,34

Família pastoral O que Deus uniu o trabalho não separe



Dois ministérios, uma missão, p. 12

O pastor e a cidadania, p. 28

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Foto de Capa:

Shutterstock

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Marcos Bornfim; Jerry Page;
Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;
Bolívar Alana; Daniel R. Marin; Edilson
Valiante; Heriberto Peter; Horácio Cayrus;
Ivanaldo B. Oliveira; Jair Garcia Góis;
Leonino Santiago; Luiz Martinez; Nelson
Suci; Samuel Jara; Walter Dávila.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

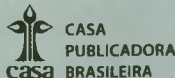
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Artigos e correspondências, para
a revista **Ministério** devem ser enviados
para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 - 70279-970 - Brasília, DF

Assinatura: R\$ 49,70

Exemplar Avulso: R\$ 10,34



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34
18270-970 - Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.

Tiragem: 5.200 exemplares

5880/24026



Foto: Daniel Oliveira

Prioridade número dois

Certa ocasião, ouvi alguém dizer que um grande pastor jamais pode ser bom esposo e pai. O argumento apresentado como apoio a essa conclusão foi o seguinte: São muitas as atividades que configuram o dia a dia pastoral. Pregação, visitas a membros da igreja, estudos bíblicos a interessados, evangelismo, programas de treinamento, reuniões de comissões, viagens, concílios, construções, atenção à escola; tudo isso e muito mais, acrescente-se, não limitado a apenas uma igreja, mas a um distrito composto por várias congregações. Então, como pode o pastor atender todas as expectativas alimentadas a respeito dele e ainda dispor de tempo para ser o esposo e pai a que a família tem direito e espera? Essa era a pergunta que pairava no ar.

Discordei do que ouvi, tendo em mente o questionamento apresentado pelo apóstolo Paulo, ao enumerar as qualificações dos bispos: “Se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (1Tm 3:5). De início, precisamos admitir que o bom governo da “própria casa” nem sempre é garantia de que os filhos jamais tomarão decisões contrárias ao que lhes foi ensinado pelo pai. Eles têm o direito do livre-arbitrio e esse pode ser erroneamente utilizado. É o mesmo risco que, por amor, Deus também corre em relação a nós.

Porém, espera-se que o pastor seja dedicado à esposa e aos filhos, motivado por um amor espelhado naquele que levou Cristo Jesus a Se entregar pela igreja (Ef 5:25). Assim, o pastorado jamais pode ser usado para justificar negligência e descaso para com a esposa e filhos. Basta que vivamos e trabalhemos de acordo com prioridades sabiamente estabelecidas e fielmente respeitadas, ou seja: comunhão com Deus, atenção à família e, então, trabalho fiel e diligente. Se falharmos nos dois primeiros itens, não importa o que façamos nem aonde chegemos, estaremos longe de cumprir os propósitos divinos para nossa vocação, bem como nos expondo e à família a perigos de consequências inimagináveis.

“É no lar que nosso verdadeiro sucesso ou fracasso é medido. O lar é a principal arena na qual temos de ser bem-sucedidos se quisermos ser bem-sucedidos em qualquer outra”, escreveu Steve Diggs, citado por H. B. London Jr. e Neil B. Wieseman no livro *Despertando Para um Grande Ministério*, p. 241. Nessa mesma página, uma paráfrase nos lembra um conselho dado pelo apóstolo Pedro, e que devemos ter sempre em mente: “Sejam bons maridos de suas esposas. Honrem a elas, alegrem-se nelas. Por serem mulheres, elas não gozam de algumas das mesmas vantagens que vocês têm. Mas na nova vida da graça de Deus, vocês são iguais. Tratem às suas esposas, portanto, como a iguais para que as orações de vocês não cheguem só até o teto” (1Pe 3:7). ■

Zinaldo A. Santos

10 ISTO SEMPRE FUNCIONA

Ao planejarmos uma campanha evangelística, há três coisas que não devem esquecer.

12 DOIS MINISTÉRIOS, UMA MISSÃO

Como e por que pastores e professores devem se apoiar mutuamente.

15 TEMPO DE DESPERTAR

Em meio às muitas atividades, Deus ordena que mantenhamos comunhão com Ele.

17 QUE O TRABALHO NÃO NOS SEPARE

Conheça a dramática experiência vivida por um casal pastoral.

21 APERFEIÇOANDO SANTOS

O que a carta aos efésios nos ensina sobre a postura da igreja no mundo atual.

23 EVANGELISMO PARA HOJE

Soluções para o desafio de evangelizar a sociedade pós-moderna.



26 PÃO DE CADA DIA

Diretor de Mordomia fala sobre a importância da nutrição espiritual diária.

28 O PASTOR E A CIDADANIA

Na oração do Senhor, há um convite para maior envolvimento no serviço ao semelhante.

31 UM CHAMADO ESPECIAL

Líderes mundiais da Igreja Adventista promovem busca por reavivamento e reforma.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“É no lar que nosso verdadeiro sucesso ou fracasso é medido. O lar é a principal arena na qual temos de ser bem-sucedidos, se quisermos ser bem-sucedidos em qualquer outra.”

Steve Diggs

Inspiração para salvar

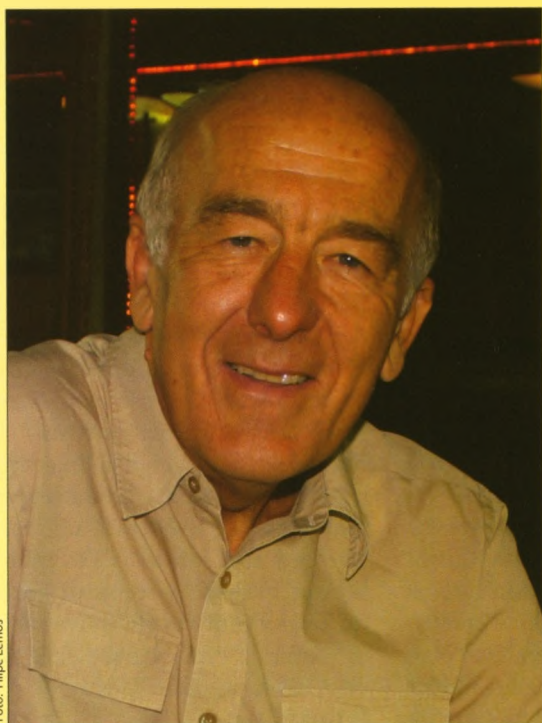


Foto: Felipe Lemos

“Plantar igrejas não é um programa que deve ser acatado como obrigação imposta pela liderança. Deve brotar de uma visão em nosso coração, que deve ser realizada muito naturalmente”

por Felipe Lemos

O pastor inglês David Cox é alguém que conhece a missão de maneira teórica e prática. Ele trabalhou durante 25 anos no ministério evangelístico e pastoral em várias cidades do Reino Unido e foi missionário na África Ocidental, em Serra Leoa, durante quatro anos. Depois disso, foi diretor dos departamentos de Escola Sabatina e Ministério Pessoal da Associação do

Sul da Inglaterra e da União Britânica. Nessa função, ele atuou durante dez anos. Atualmente, trabalha como pastor e plantador de igrejas na ilha de Chipre. Ele é o autor dos livros *Pense Grande, Pense em Pequenos Grupos* e *A Igreja do Futuro*. De seu casamento com Velda Cox, nasceram dois filhos: Andrew e Bryan.

Nesta entrevista, o pastor Cox fala sobre a importância do plantio de

novas igrejas. Para ele, essa é uma atividade que deve ser intencionalmente desenvolvida com o objetivo de alcançar pessoas e regiões que ainda não foram alcançadas pela mensagem de salvação. De acordo com suas palavras, significa “alcançar pessoas que você não pode alcançar pessoalmente”. Cox também fala sobre a relação desse ministério com os pequenos grupos, bem como a verdadeira motivação que deve

impulsionar pastores e membros da igreja na missão de salvar pecadores para o reino de Deus.

Ministério: *Qual é a importância de se “plantar” igrejas como um estilo de vida?*

Cox: Objetivamente falando, a importância de se “plantar” igrejas é intencionalmente procurar alcançar pessoas que você não pode alcançar pessoalmente. Não é a mesma coisa que ampliar uma igreja como extensão ou divisão de outra que já existe; é algo que vai além dessa prática. É estabelecer um novo núcleo onde não existe nada. Minha definição preferida para esse processo é a de estabelecer intencionalmente novas igrejas com o objetivo de alcançar novas pessoas.

Ministério: *Qual é a sua experiência na ilha de Chipre, trabalhando com pequenos grupos, discipulado e plantio de igrejas?*

Cox: É muito difícil comparar a ilha de Chipre com o Brasil. Seria comparar algo muito pequeno com algo muito grande. A igreja em Chipre consiste de apenas 60 a 70 crentes em toda a ilha. Nós perdemos aproximadamente 45 membros adultos e 12 crianças nos últimos dois anos. Por causa de problemas econômicos, eles se mudaram. A União do Oriente Médio que, originalmente, era em Chipre é agora no Líbano. A igreja de Chipre não é um reflexo da população do país. A área em que estamos trabalhando é grega ortodoxa. Em Chipre, a religião está basicamente dividida em duas partes: grega ortodoxa e turco muçulmana. Mesmo depois de aproximadamente 100 anos, a Igreja ainda não estabeleceu suas raízes na parte grega ortodoxa. A maioria dos membros é composta por pessoas de fora: filipinos, africanos, europeus ocidentais – muitas nacionalidades diferentes. Temos um desafio especial; entretanto, es-

tuou feliz pelo fato de termos dois grupos de gregos ortodoxos em duas cidades, que se encontram a cada 14 dias, e que ainda não estão prontos para estudar seriamente a Bíblia. Porém, esses estão desiludidos com a igreja da qual fazem parte, e agora estão discutindo abertamente sobre assuntos espirituais, sobre a vida. Talvez, seja um longo caminho a percorrer, mas essa é uma ótima semente que está começando a crescer. Nós também temos duas igrejas que atendem pessoas de fala inglesa, onde eu tenho meu pequeno grupo.

“É bom ter a visão do plantio da igreja, mas é bom ter paixão”

Ministério: *O que o senhor pensa sobre o projeto de plantio de igrejas da Divisão Sul-Americana em 2011?*

Cox: Acho que esse é um plano bem interessante, é maravilhoso! Trata-se de um programa que as igrejas adventistas em todo o mundo devem promover e realizar. Não como uma obrigação, não como algo vindo da liderança da Igreja, mas como resultado de uma visão inspiradora nascida em nosso coração e que deve ter sua realização de modo muito natural. A melhor parte de meu ministério foram os últimos 15 anos, período em que estive envolvido em um novo movimento de plantio de igrejas no Reino Unido, na Europa, antes de ir para a ilha de Chipre. E a beleza deste movimento foi o fato de ele ser conduzido por líderes leigos. A maioria dos líderes dessas novas igrejas era leiga e os pastores atuavam simplesmente como instrutores ou supervisores. Havia principalmente jovens em cujo coração Deus já havia colocado essa visão, muito antes que conseguíssemos mostrar ou dizer a eles: “Muito bem, é isso o que você vai

fazer agora.” É bom ter essa visão, mas é importante ter paixão. Isso é o que, em minha opinião, devemos desenvolver primeiro. Um desejo natural de amar as pessoas. Aliás, o apóstolo Paulo apresentou a motivação suprema para toda e qualquer atividade executada na igreja e pela igreja: “Pois o amor de Cristo nos constrange” (2Co 5:14).

Ministério: *Qual é a sua opinião sobre pequenos grupos e a base para plantio de igrejas? O senhor pode identificar alguma relação entre as duas coisas?*

Cox: Acho que a resposta está na pergunta. Temos visto vários exemplos de novas igrejas sendo plantadas espontaneamente fora dos pequenos grupos. Um grupo de jovens ou jovens adultos começou a se encontrar, e eu uso esta expressão: “santamente descontentes”. Há muitas pessoas na igreja hoje, especialmente jovens, que amam a igreja, mas sentem que querem algo mais, algo que está faltando. Em muitos lugares, estamos percebendo grupos de jovens com essas características se reunindo espontaneamente para orar, discutir, adorar, estudar. Eles formam um pequeno grupo, não sabem que é um pequeno grupo, mas recebem treinamento e criam o pequeno grupo. Então, eles mesmos começam a sentir o chamado divino para plantar uma nova igreja. Essa é a melhor maneira para isso acontecer. Penso que plantar uma nova igreja é uma visão ou ação estimulada e encorajada através de um pequeno grupo saudável. É como se os componentes desse grupo dissessem: “Nós temos uma coisa boa aqui e queremos compartilhar.”

Ministério: *O pequeno grupo é um bom ambiente para o desenvolvimento do conceito de plantio de igrejas?*

Cox: É uma incubadora. Sim, é como uma incubadora. Seria um erro dizer que todo pequeno grupo

deve plantar uma igreja, porque cada pequeno grupo é, na verdade, uma igreja e, talvez, seus integrantes não tenham sido chamados por Deus para fazer especificamente isso. Eles podem avivar a igreja-mãe e talvez essa seja sua função. Nesse processo, é muito importante que os membros, sejam eles de uma igreja local, ou sejam de um pequeno grupo, sintam que Deus os está chamando para esse trabalho, e estejam plenamente conscientes disso. Nesse ponto, não estamos nos referindo a um chamado feito pelo presidente da Associação, União ou da Missão; trata-se de um chamado de Deus para plantar igrejas.

Ministério: *Qual é a importância dos pequenos grupos para o discipulado?*

Cox: A ideia dos pequenos grupos foi originada por Jesus. Esse projeto é ideia de Deus. Cristo é o modelo para nosso ministério. Seu pequeno grupo de doze homens era a essência do processo de reproduzir a Si mesmo na vida daqueles homens. Isso é o que significa discipulado. É você reproduzindo a si mesmo, à medida que você segue a Jesus e exerce poderosa influência na vida de outras pessoas que acabam seguindo seus passos. Portanto, o pequeno grupo e o discipulado são inseparáveis. O discipulado não acontece de forma solitária quando estamos sozinhos. O grupo, a comunidade é o lugar porque, essencialmente, o reino de Deus é totalmente relacional. Todos os profetas destacavam essas duas coisas: amor a Deus e amor às pessoas. Você não consegue ser um discípulo sem essas duas coisas; e, se você tem essas coisas, com certeza, tem uma comunidade. Então, o pequeno grupo, mesmo que você o identifique com outro nome, é essencial tanto para a fundação como para o produto do crescimento. E não termina, pois o discipulado não termina. O crescimento é infundável.

É mais do que um ciclo, um evento; é uma jornada que perdura, que nos leva ao reino e além do reino. Nós não paramos, mas continuamos crescendo. Por isso, o pastor precisa ser membro de um pequeno grupo. Um presidente precisa ser membro de um pequeno grupo; se é que eles desejam realmente continuar a crescer na sua experiência com Cristo. Não é algo que você apenas diz para outra pessoa fazer.

“Pequeno grupo e discipulado são inseparáveis, porque o reino de Deus é totalmente relacional”

Ministério: *Como é possível transformar o discipulado em algo mais prático na vida das pessoas?*

Cox: Os aspectos espiritual e prático não devem ser duas coisas diferentes. Eu tento começar meu dia com Deus, pedindo que Ele me ajude a ter um ouvido aberto para o que está acontecendo ao meu redor e outro ouvido para Ele. Então, quando estou no caixa do supermercado ou quando vou ao banco, estou sensível às pessoas ao meu redor e à conversa que tiver com elas. Uma senhora ortodoxa russa, que conheço há quatro anos, desde que me mudei para Chipre, era nossa corretora de imóveis e nos ajudou a encontrar uma casa quando para lá nos mudamos. Ela era ateia, apesar de ter sido ortodoxa. Ela abandonou a antiga religião e realmente passou a não acreditar em Deus. Porém, de alguma forma, eu sentia que ela era receptiva às coisas espirituais. Então, enquanto andávamos de carro procurando apartamentos, aproveitávamos e conversávamos sobre a vida, não sobre Deus, mas a respeito de coisas importantes da vida. Foi ela mesma quem tomou a iniciativa de falar sobre esses assuntos. Tento visitá-la uma vez a cada três meses, com o propósito de não perder contato.

Alguns meses atrás, mesmo sem termos feito nenhum estudo bíblico, ela me disse: “Sinto que preciso começar uma vida nova. Quero ser limpa de coração. Você faz batismos na sua igreja?” Respondi-lhe afirmativamente. Então, ela perguntou: “Você me batizaria?” E esse foi o resultado de uma situação comum com uma corretora de imóveis, e é algo que tem acontecido muitas vezes, envolvendo outras pessoas.

Essas pessoas ainda não foram batizadas, ainda não são membros da igreja, contudo sou o pai espiritual delas. Sou seu pastor espiritual. Elas me chamam de papa que significa pai, se isso é o que você considera prático. Mas também existe o interior da pessoa. Precisamos ver a nós mesmos constantemente quando nos sentamos para uma refeição, quando vamos à praia com a família, e assim por diante. Nós fazemos essas coisas como discípulos. Cada um de nós precisa entender o seguinte: ser cristão missionário, envolvido no plantio de igrejas, é a minha identidade.

Ministério: *Qual é o conselho que o senhor dá para as pessoas que desejam plantar igrejas?*

Cox: Se estiver no seu coração plantar igrejas, peça que Deus lhe dê a certeza de que é isso que Ele quer que você faça. Que não seja apenas uma ambição sua. Se a paixão aumentar em você, então você precisa encontrar mais duas ou três pessoas que também compartilhem dessa paixão. Então, comece por aí. Permitam que Deus os guie. Encontrem-se periodicamente para orar e se submetam à direção de Deus. Isso será a coisa mais emocionante que vocês terão realizado. ■



Jesus e a assertividade

“Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmos” (Paulo)

As relações humanas são um aspecto imprescindível à vida e, ao mesmo tempo, conflituoso. Imprescindível, porque fomos criados para viver em comunidade; sem nos relacionarmos e estar cercados por pessoas, a vida seria muito difícil. Conflituoso, porque, muitas vezes, nossas diferenças criam brechas, em vez de enriquecimento pessoal.

Em nossos dias, o termo “assertividade” é muito usado; talvez, por causa da necessidade imperiosa que temos de colocar em prática seu significado. Assertividade é um estilo de comunicação, aberto às opiniões alheias, dando-lhes a mesma importância que às próprias opiniões. É algo que parte do respeito de alguém para com os demais e até consigo mesmo, estabelecendo com segurança e confiança o que se deseja. A pessoa assertiva aceita que a postura das outras não precisa coincidir com as dela e, de maneira direta, aberta e honesta, evita conflitos.

Três tipos

Eruditos têm mencionado três tipos de assertividade:

1. Positiva. Consiste na expressão de autêntico afeto e respeito por outras pessoas, pressupondo que estamos atentos ao bom e valioso que existe nelas. Ao perceber isso, a pessoa assertiva está disposta a reconhecer generosamente esse bem e a comunicá-lo de modo verbal ou não verbal.

2. Negativa. É útil usá-la quando precisamos enfrentar uma crítica, sabendo que o crítico tem razão.

Esse tipo consiste na expressão da nossa concordância com a crítica recebida, exteriorizando a vontade de nos corrigirmos. Desse modo, fica demonstrado que não é preciso dar atenção mais que devida à nossa ação, reduzindo, assim, a agressividade dos nossos críticos e fortalecendo nossa autoestima, aceitando nossos defeitos ou qualidades negativas.

3. Empática. Permite entender, compreender e agir pelas necessidades do interlocutor, ao mesmo tempo conseguindo que sejamos entendidos e compreendidos.

O aspecto mais animador é que a assertividade não é algo que se herda, mas é adquirida e aprendida. Todos nós podemos ter essa qualidade, a qual nos ajudará em nosso relacionamento interpessoal.

Então, o que precisamos modificar e treinar, a fim de melhorar o trato com as pessoas? Teria Jesus Cristo colocado em prática a assertividade? Ao estudarmos a vida de Jesus, é possível observar que todos os Seus atos foram assertivos. Ele não emitia palavras demais, ocupava-Se das necessidades das pessoas e até de pequenos detalhes que pareciam insignificantes. Não fazia discriminação e sabia envolver os que O cercavam em tarefas nas quais podiam se sentir úteis.

Exemplo supremo

Esse conceito também implica empatia e humildade. Sem essas características, é impossível nos preocuparmos com outras pessoas e considerar as opiniões delas.

Enquanto viveu na Terra, Jesus também revelou as virtudes da empatia e humildade em todos os Seus atos. Ele, realmente, praticou a assertividade.

“Nada façais por partidatismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2:3, 4).

Esse versículo nos aconselha a considerar os outros como a nós mesmos, e também sugere o atual conceito de assertividade. Ser assertivo é expressar nossos pontos de vista respeitando o das outras pessoas.

Jesus Se conduziu aqui na Terra, de maneira compassiva, amável e cortês. Foi bondoso e misericordioso. É-nos dito que “Jesus revelava, como criança, disposição singularmente amável. Aquelas mãos cheias de boa vontade estavam sempre prontas para servir a outros. Manifestava uma paciência que coisa alguma conseguia perturbar, e uma veracidade nunca disposta a sacrificar a integridade. Firme como a rocha em questões de princípios, Sua vida revelava a graça da abnegada cortesia” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 68, 69).

Cristo deseja que, como líderes de Sua missão, sigamos Seu exemplo no trato com as pessoas que nos cercam e também com subalternos e superiores. “Devemos trabalhar como Cristo trabalhou – para cativar, para edificar e não para derrubar” (Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros*, p. 223).

“Não devemos dar um passo para depois retroceder. Devemos caminhar solene, prudentemente, não fazendo uso de expressões extravagantes, nem permitindo que nossos sentimentos sejam excessivamente agitados” (Ibid., p. 227).

“Os que ocupam posição de importância, que são postos em contato com as pessoas por quem Cristo morreu, devem dar aos homens a estima que Deus lhes dedicou, e considerá-los preciosos. Muitos, porém, têm tratado a aquisição do sangue de Cristo de maneira rude, em harmonia com a disposição dos homens e não de acordo com a mente e o espírito de Cristo. De Seus discípulos, Cristo diz: ‘Todos vós sois irmãos.’ Devemos ter sempre em mente a relação que temos uns para com os outros, e lembrar-nos de que nos devemos encontrar com aqueles com quem nos associamos aqui, ao redor do trono do juízo de Cristo. Deus será o juiz, e Ele tratará com justiça a cada indivíduo” (Ibid., p. 224).

Como ser assertivo

Muitas vezes, as dificuldades vividas pelas igrejas estão relacionadas com a falta de assertividade na maneira de agir das partes envolvidas. Em ocasiões de mudança de trabalho, diante da necessidade do líder conhecer

um novo grupo de irmãos ou ter que se integrar a uma nova equipe, a prática da assertividade é muito necessária. Como consegui-la? Agindo com humildade no tratamento com as pessoas, participando de atividades planejadas por elas, valorizando (e fazendo-as saber disso) os esforços envidados em algum projeto, e outras atitudes que as façam abrir o coração, tratando de evitar agir sem refletir sobre os efeitos de algum comportamento, em uma pessoa, um departamento ou toda a igreja.

Podemos chegar a ser líderes que guiem e alcancem os objetivos propostos como igreja, sem impor nem designar autoritariamente qualquer atividade. É preciso agir assertivamente, explicando, designando tarefas compatíveis a cada pessoa, sem sobrecarregar ninguém, e dando lugar ao desenvolvimento da criatividade. Desse modo será possível formar uma equipe que trabalhe unida e que obtenha resultados. Uma equipe que se sinta parte não apenas da execução de um plano, mas que possa participar da elaboração dele.

“Considerem todos que, seja qual for sua ocupação, devem representar a Cristo. Com firme propósito procure cada pessoa ter o Espírito de Cristo. Especialmente os que aceitaram a posição de diretores ou conselheiros devem sentir que deles é requerido que, em todos os sentidos, sejam verdadeiros

cristãos. Embora, no trato com outros, precisamos ser sempre fiéis, não devemos ser rudes. As pessoas com quem temos de lidar são a possessão adquirida do Senhor, e não devemos permitir que nenhuma expressão precipitada, arrogante, escape dos lábios” (Ibid., p. 262).

Como líderes da igreja, tendo em mente o exemplo de Cristo, poderemos com Sua ajuda atuar com maior prudência, tato, sem impor ideias nem tarefas a quem quer que seja. Trabalharemos sem a força descontrolada do entusiasmo e da urgência (muitas vezes, válidos e necessários), e que, não raro, também pode causar efeito contrário ao que desejamos. Muitas vezes, por causa de simples mal-entendidos, nascem grandes inimizades.

O treinamento na assertividade e de toda a conduta humana requer deliberado esforço, firme intenção, força de vontade, paciência e, sobretudo, desejo de melhorar. Trabalhar com assertividade não é um processo fácil nem rápido, porém, com a ajuda de Deus, é possível. Tendo-O como centro de nossa vida, família e trabalho, podemos chegar a ser servos de êxito.

A título de avaliação, cabe nos perguntarmos: Estamos sendo assertivos no tratamento com as pessoas que nos cercam? Em que aspectos necessitamos melhorar? O que precisamos modificar, pessoalmente e como equipe, para construir uma igreja que trabalhe feliz? ▀

“Não devemos permitir que nenhuma expressão precipitada, arrogante, escape dos lábios”

Pastor no estado de Kansas,
Estados Unidos

Isto sempre funciona

Três coisas que devemos ter em mente, antes, durante e depois da campanha evangelística

Ao som do hino “A doce história” [*Hinário Adventista*, nº 54], tocado ao piano, depois do sermão eu fazia o apelo para aceitação de Jesus como Salvador pessoal, narrando como deixei a vida de DJ em baladas para me tornar pastor adventista. Olhando as pessoas, eu me perguntava se alguém atenderia ao apelo. “Será que vai funcionar?” Embora Jesus tenha comissionado Seus seguidores a fazer “discípulos de todas as nações” (Mt 28:19), às vezes nos perguntamos se o evangelismo público ainda funciona. Minha igreja e eu chegamos a pensar a mesma coisa, quando conduzi um seminário sobre Apocalipse em 2009. Já na primeira noite, eu me perguntava se o Senhor nos daria êxito.

O primeiro passo a ser dado numa campanha evangelística é definir “sucesso” e garantir que nossa definição seja igual à que Deus tem para o assunto. Os discípulos partilhavam a mensagem de que Jesus de Nazaré era o Cristo, o Salvador ressuscitado. Às vezes, as pessoas aceitavam e o povo de Deus se alegrava (Lc 10:17; At 8:8). Em outras ocasiões, poucos aceitavam e os discípulos eram fisi-

camente agredidos. Mesmo assim eles ainda se alegravam (At 5:40, 41). O objetivo deles era pregar e fazer discípulos (Mt 28:18-20). Partilhar a mensagem era o sucesso; pois deixavam os resultados desse trabalho com o Senhor. O sucesso do povo de Deus é medido por sua fidelidade em partilhar o evangelho.

Semeando

Marta caminhava em direção ao altar, enquanto eu continuava apelando. Ela e o esposo, Dave, viajavam durante uma hora, todas as noites, para assistir às reuniões. Marta aceitou os ensinamentos bíblicos mais rapidamente do que o esposo, mas, quando cantamos a última estrofe do hino, Dave também se levantou e juntou-se à esposa. Até o início das conferências, a única exposição de Dave ao cristianismo tinha sido na infância, quando ele viu um vizinho, pastor, se embriagar e gritar com o filho. Depois da reunião, os anciãos e eu nos reunimos com as pessoas que tinham atendido o apelo. Dave me abraçou e cochichou: “Estou assustado!” Então, repliquei: “Lembro-me de já ter sentido isso.”

Passaram-se quatro anos, desde a primeira mensagem que ouvi sobre Jesus até o dia em que fui batizado. É curioso como, às vezes, desistimos das pessoas que imaginamos demorar mais do que deveriam em responder à mensagem. Mas, devemos investir tempo e energia para que elas respondam ao Espírito Santo. Algumas vezes, tentamos colher o que mal acabou de ser plantado. As reuniões evangelísticas plantaram a semente da verdade no coração de Dave e Marta. Eles passaram a frequentar a igreja, estudaram a Bíblia e, depois de algum tempo, foram batizados.

Regando

O evangelismo produz crescimento no discipulado. Cristo nos ordenou fazer discípulos, o que envolve mais que simplesmente batizar pessoas. As igrejas existem para ajudar os membros a crescer na verdade e na graça de Deus, e os que assistiram às reuniões evangelísticas testemunharam que foram abençoados ao ouvir novamente a velha história de Cristo e Seu amor.

Uma das grandes preocupações da igreja é a evasão dos jovens; e são

várias as razões para esse fenômeno. Alguns sentem que a igreja não é relevante. Outros se dizem feridos. Muitos a deixam porque, ao procurar ver Cristo nos irmãos, dizem somente encontrar hipocrisia. O evangelismo e a fraternidade podem ajudar a ligar os jovens novamente à igreja.

Semelhantemente a uma planta sem água, que começa a murchar, alguns cristãos necessitam ser regados para começar a crescer. Alguns jovens, que não iam à igreja durante muitos anos, resolveram assistir àquelas reuniões e foram atraídos para o Senhor. Necessitavam ser regados; precisavam saber que a igreja os amava e perdoava. Ao ouvir as mensagens, eles puderam ver Cristo em cada ensinamento. Os membros antigos os receberam de braços abertos e alguns daqueles jovens voltaram para a igreja e abraçaram a missão.

Colhendo

O evangelismo transforma vidas para a eternidade. Olhei a igreja lotada, sorri e agradei ao Senhor. Do fundo do auditório, Zion, um garoto de dez anos caminhava em minha direção. Ele havia frequentado as reuniões quase todas as noites, na companhia do pai; agora, era um dos primeiros a atender o apelo.

O pai dele, Daniel, o seguia não muito atrás. Daniel era jovem, e tinha experimentado vários sistemas de crenças, da Nova Era ao budismo. Mas, depois de ouvir os ensinamentos bíblicos, ele disse: “Isso faz sentido. Percebe-se que é verdade.” Quando ouviu a respeito de Jesus Cristo, nas mensagens proféticas, finalmente, Daniel encontrou o que procurava. Pai e filho foram batizados juntos.

O caminho do êxito

A fim de que as reuniões evangelísticas tenham êxito, os membros da igreja precisam ser apoiados e incentivados. Em nosso caso, os irmãos ofereceram muitas ideias valiosas. Algumas senhoras planejaram realizar um curso de culinária. Outro

grupo preparou lanches que eram oferecidos após as reuniões, a fim de fortalecer o companheirismo.

Sem oração e sem Espírito Santo, nossos esforços teriam sido inúteis, de modo que foi criado um programa no qual cada irmão era incentivado a orar por cinco pessoas e convidá-las para as reuniões. Cada noite, os anciãos também tinham seu grupo de oração em favor do pregador, dos visitantes e da mensagem.

O diretor de comunicação sugeriu que usássemos a internet para convidar pessoas.

Entendendo que as pessoas têm outros compromissos, começávamos e terminávamos pontualmente cada reunião. Tínhamos reuniões durante quatro noites por semana. Um irmão gravava os sermões e os postava na internet, de modo que as pessoas pudessem ouvir novamente ou captar algo que eventualmente tivessem perdido.

Quando deixamos nas mãos de Deus os resultados de nosso trabalho, o êxito está garantido. Estivemos orando muito, a fim de que Satanás não atrapalhasse as reuniões. Certa noite, enquanto eu permanecia à porta, cumprimentando as pessoas, uma mulher me entregou um anel com símbolo satânico e disse: “Agora, sei o que isto significa. Não quero mais usá-lo. Pode destruí-lo.”

Lembro-me de um jovem casal, Brian e Anete. Ele não havia perdido sequer uma noite; mas Anete perdeu algumas reuniões por causa de um ferimento. Certa noite, enquanto eu pregava sobre um tema bastante desafiador, notei-a no auditório. Meu coração bateu forte, quando pensei nas possíveis reações que ela poderia ter. Então, orei: “Senhor, ela está em Tuas mãos!” Brian e Anete foram embora, antes que eu pudesse falar com eles. Fui para casa e comeci a examinar os cartões de decisão preenchidos naquela noite. Mal acreditei quando vi o primeiro cartão. Era o de Anete. Nele, estava assinalada a decisão dela pelo batismo.

Continuidade

O evangelismo não acaba quando acontece a cerimônia batismal. O entusiasmo e a força das reuniões devem continuar.

As pessoas que não foram batizadas continuam frequentando a igreja e estão matriculadas na classe de interessados, na Escola Sabatina. Realizamos frequentes encontros sociais envolvendo os novos crentes e os ajudamos a descobrir seus dons espirituais. A igreja também planeja eventos comunitários, incluindo cursos sobre saúde, culinária, escola bíblica de férias, programas comemorativos de datas especiais, com o objetivo de se tornar conhecida na comunidade e prepará-la para futuras campanhas. Há três coisas que devemos ter em mente, ao planejarmos evangelismo. São elas:

1. Orar e confiar aos Senhor os resultados, ou sucesso.
2. Certificar-se de que seu evangelismo tem um toque pessoal.
3. Aprender com os erros e nunca deixar de tentar diferentes maneiras de tocar vidas na comunidade.

Minha experiência

O caminho mais longo que já percorri foi aquele entre o banco em que eu estava sentado numa igreja até o altar, em resposta ao apelo para comprometer minha vida com Jesus Cristo. Aquela igreja estava empenhada em uma campanha evangelística, e eu sei que aqueles irmãos teriam feito tudo o que fizeram, mesmo que fosse por um único batismo. Sucesso evangelístico jamais deve ser medido por números. Minha esposa também foi batizada e o Senhor nos colocou no ministério para conduzir outras pessoas a Ele. Uma vida transformada por Deus é valiosa, porque uma vida toca outra, que toca outra que toca outra, até que o mundo inteiro seja transformado (Lc 15:3-7).

Alegramo-nos de que, com o poder de Deus, o evangelismo ainda funciona, exatamente como foi prometido por Jesus em Mateus 28:18-20. ▀



Professor de Teologia, jubilado, reside no estado de Oregon, Estados Unidos

Dois ministérios, uma missão



Pastores e professores atuam na linha de frente da guerra contra o mal, e devem se apoiar mutuamente

Ao se referir aos dons espirituais, mencionando que o Senhor “concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (Ef 4:11), Paulo usou uma construção grega indicadora de que o trabalho de pastor e o de professor eram exercidos pela mesma pessoa. Comentando esse texto, Bruce diz que “os dois termos, pastores e mestres, denotam uma e a mesma classe de homens”.¹ Os outros dons são enumerados separadamente.

O significado disso é que o pastor não deve apenas cuidar do bem-es-

tar espiritual do rebanho, mas também deve ser mestre. Por sua vez, o mestre não é apenas expositor da verdade, mas, como o pastor, tem permanente cuidado pelos aprendizes. Mestres atuam como pastores de seus estudantes; e pastores exercem papel de mestres para os membros das igrejas.

Na sociedade do século 21, o mestre cristão geralmente é visto como alguém que pastoreia em um contexto de escola, enquanto o pastor é definido como alguém que ensina a uma comunidade religiosa maior. Porém, embora eles estejam encarregados por diferentes setores da vinha

do Senhor, a missão é uma só: “Nossas ideias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um objetivo mais amplo e mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.”²

Em uma passagem que sublinha toda a sua filosofia educacional, Ellen G. White mostra que, para compreendermos o significado e objetivo da educação, devemos entender quatro coisas sobre as pessoas: (1) Sua origem natural; (2) o propósito de Deus ao criar o ser humano; (3) a transformação ocorrida na condição humana após a queda e (4) o plano de Deus para cumprir Seu propósito na educação da humanidade.³

Então, ela explica esses quatro itens. Primeiramente, a humanidade foi criada à imagem de Deus. Em segundo lugar, as pessoas deviam revelar ainda mais plenamente a imagem de Deus, por meio do contínuo desenvolvimento na Terra e pela eternidade. Em terceiro lugar, a desobediência maculou, mas não destruiu a imagem em seus aspectos físico, mental e espiritual. E desobediência também leva à morte.

O quarto item é o ponto focal da missão. Apesar da queda, lemos que “o ser humano não foi deixado sem esperança. Por infinito amor e misericórdia foi concebido o plano da salvação, concedendo-se um tempo de graça. Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, mente e espírito para que se pudessem realizar o propósito divino da sua criação – tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida”.⁴

Salvação de pessoas

A Escritura apresenta o mesmo quadro. Nem a Escritura nem a experiência diária têm sentido se descartamos como lenda os primeiros três capítulos de Gênesis, segundo os quais, Deus criou a humanidade à Sua imagem e semelhança (Gn 1:26, 27). Entretanto, Adão e Eva rejeitaram a Deus e escolheram o próprio caminho. Como resultado, eles mesmos, seus descendentes e o mundo natural se tornaram alienados de Deus (Gn 3:8-19). Separando-se da fonte de vida, eles ficaram sujeitos à morte

(Gn 2:17; 3:19). A humanidade se tornou sem esperança e perdida, no pleno sentido da palavra.

O ser humano perdido é o objetivo de todo ministério cristão. Por isso, Jesus disse ter vindo para “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). A mensagem da Bíblia, desde a queda até a futura restauração do Éden, é a história de como, por meio de professores, pregadores, profetas e outros instrumentos, Deus trabalha para nos salvar. É nesse contexto que devemos ver o trabalho do pastor e do mestre.

“No mais alto sentido”, escreveu Ellen G. White, “a obra da educação e da redenção são uma”, porque as duas constroem diretamente sobre Jesus Cristo. Conduzir o estudante a um relacionamento salvador com Jesus Cristo “deve ser o primeiro esforço do professor e seu constante objetivo”.⁵ Aqui está o mais elevado e primário alvo da educação, mostrando como o trabalho do educador e do pastor estão intimamente relacionados.

Clérigos na igreja e clérigos na escola têm a mesma função salvífica. Eles necessitam ser movidos além da dicotomia que tende a dividi-los e compreender que têm um ministério compartilhado, mesmo que este funcione em diferentes esferas.

Mensagem única

Ao mesmo tempo, se pastores e professores se limitam unicamente à função de levar pessoas a Cristo, eles falham em suas responsabilidades, porque o adventismo não é simplesmente outra denominação com algumas doutrinas diferentes e algumas práticas dietéticas contraculturais. Desde o início, a igreja se tem visto como um movimento profético, com uma mensagem especial a proclamar ao mundo, um chamado apocalíptico, ao qual chamamos de três mensagens angélicas (Ap 14). Por alguma razão, o encargo de pregar todas as mensagens dadas por Cristo tem sido negligenciado por outros grupos religiosos. Nesse contexto, os adventistas do sétimo dia se veem como um povo chamado

a pregar uma mensagem única em toda a Terra, antes da vinda de Jesus.

Essa é a compreensão que nos tem levado aos confins da Terra, ao ponto de o adventismo ter se tornado a instituição protestante unificada mais difundida na História. Os adventistas têm-se disposto a sacrificar a vida e os bens para conquistar esse objetivo. E, no processo, desenvolveram uma igreja para orientar essa caminhada bem como um sistema educacional e ministério de publicações para iluminar e convencer a irmandade, preparando-a para ir ao mundo ou apoiar outros no cumprimento dessa missão.

Não somos tímidos em relação à missão que é a própria razão da existência da igreja. Caso perca essa visão, o adventismo se tornará mais uma denominação que busca somente entreter os membros e fazer bem à comunidade. A possibilidade de perder a visão apocalíptica e o lugar do adventismo na história profética é a maior ameaça que a igreja e seu sistema educacional enfrentam no início do século 21.⁶

Certo diretor acadêmico me disse que, tempos atrás, foi a uma Faculdade adventista e entrevistou alguns formandos, buscando preencher algumas funções. Sua pergunta era: “Qual é a diferença entre educação adventista e a educação cristã evangélica?” Nenhum estudante soube responder. Seguramente, essa faculdade falhou em transmitir nossa única identidade e missão, mesmo em se tratando de uma instituição formadora de profissionais da educação.

Uma escola que já não compreende sua razão de ser, que esqueceu sua mensagem e missão, eventualmente perderá seu sustento. E deveria. Uma escola adventista do sétimo dia que não seja cristã nem adventista é desnecessária. As escolas do setor evangélico e público podem cumprir todas as funções dela. Shane Anderson estava correto quando escreveu: “Pais adventistas estão cada vez menos dispostos a pagar o preço de enviar os filhos” para instituições que têm perdido seu propósito. “Por que gastar dinheiro para

enviar o filho a uma escola que já não é substancialmente diferente da média das escolas cristãs, ou da escola pública local, na esquina perto de casa?”

Harmonia necessária

Porém, antes que os pastores se sintam tranquilos, aqui vai uma advertência: a mesma doença infecta alguns deles. Muitos pastores pregam bons sermões evangélicos; mas, frequentemente, têm negligenciado e evitado as verdades e a missão que nos têm feito adventistas. Isso pode gerar uma espécie de neutralidade. Afinal, as pessoas podem acabar se perguntando: “Por que ir à igreja adventista, se a mensagem é a mesma de qualquer igreja?”

Se o adventismo tem uma missão e uma mensagem importantes, vamos proclamá-las tanto nas escolas como nas igrejas, pois ambas têm a mesma missão. O problema é que nem sempre é vista essa importante ligação entre ministério e ensino. Alguns pastores, que veem o sistema educacional como antievangélico, argumentam com aparente lógica: Considerando que o subsídio à escola é sempre o maior item do orçamento da igreja, por que não redirecionar esse dinheiro para “melhores” propósitos? Afinal, os resultados da educação nem sempre são imediatamente aparentes.

Acaso são válidas tais pressuposições? Um pastor que nunca trabalhou em escolas discorda. “Em minha experiência,” ele escreve, “a educação adventista é uma das mais efetivas maneiras de preparar jovens para a segunda vinda de Cristo. Além disso, creio que nossas escolas têm mais sucesso em fazer isso do que qualquer outro método evangelístico isolado. Também acredito que a educação adventista tem sido a chave para propagar nossa singular missão no mundo.” Ele acrescenta que “nossas escolas são as pernas que mantêm o movimento adventista correndo”.⁸

O poder da influência

Qual das duas posições é a correta? Para uma resposta curta, neces-

sitamos apenas observar a história do mundo. Há uma razão pela qual nações e igrejas buscam controlar a educação: Quem quer que modele o sistema educacional modela o futuro. Assim, não é difícil ver a lógica do primitivo adventismo no estabelecimento de um sistema educacional que deveria preparar futuros membros e líderes da igreja.

Movendo-nos em direção à função social do sistema, necessitamos compreender o poder da influência do professor. Muitos pastores veem seu rebanho uma ou duas horas semanais e se comunicam com ele, na maioria das vezes, em reuniões impessoais para adultos que já formaram os respectivos caracteres e tomaram as importantes decisões da vida. Em contraste, professores têm contato face a face com estudantes influenciáveis durante 30 horas semanais em média.

Isso nos leva a uma simples interrogação: Que tipo de pessoa você deseja que exerça influência tão forte sobre seus filhos? Quem você deseja que os ajude a definir os valores e atitudes deles? Um não cristão? Um cristão com uma diferente compreensão da Bíblia, ou um comprometido, dedicado e crente mestre adventista? Jamais se esqueça de que os professores são poderosos elos entre seus filhos e Deus, entre seus filhos e o estilo de vida e pensamento adventista. De alguma forma, os professores influenciarão a compreensão de seus filhos a respeito de valores e da verdade.

Anos atrás, quando pastoreei uma igreja no Texas, conheci um casal muito dedicado que desejava dar à única filha a melhor educação possível. O casal concordava em que o sistema público não era a melhor resposta, mas não havia escola adventista na cidade. Então, entendendo que uma escola católica era melhor que uma secularista, para lá a filha foi enviada. Finalmente, os pais ficaram chocados quando a menina decidiu se tornar freira! O poder da educação é um processo modelador de vida.

Não há dúvida quanto ao potencial evangelístico da educação adventista. Mas, o que dizer das finanças envolvidas? Seria justo dizer que a escola mina as finanças da igreja? O único estudo que conheço sobre o assunto data de cinco anos atrás. Ele revelou que igrejas que não investiam na escola tinham perda de membros e dízimos em cada ano da pesquisa. Igrejas que apoiavam financeiramente a escola experimentaram aumento de dízimos e número de membros no mesmo período.⁹

Por enquanto, deve ter ficado óbvio que os adventistas, tanto no ministério pastoral como no educacional, têm uma mensagem e uma missão. Ambos trabalham para alcançar um mundo perdido para o qual a salvação em Cristo e a crença em Sua vinda gloriosa parecem ser a única real esperança.

São dois ministérios e uma missão. A saúde de cada um está ligada à do outro. Ambos operam na linha de frente na guerra contra o pecado e Satanás. Ambos prosperam mais quando mutuamente apoiados. Portanto, é fundamental que os clérigos educacionais apoiem pública e particularmente seus irmãos pastores. É preponderante que os pastores apoiem os parceiros educacionais. Escolas saudáveis têm bom relacionamento com as igrejas patrocinadoras; e um dos melhores aliados da escola, em termos de estudantes e finanças, é o pastor. ■

Referências:

- ¹ F. F. Bruce, *The Epistle to the Ephesians* (Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1961), p. 86.
- ² Ellen G. White, *Educação*, p. 13.
- ³ *Ibid.*, p. 14, 15.
- ⁴ *Ibid.*, p. 15, 16.
- ⁵ *Ibid.*, p. 30.
- ⁶ George R. Knight, *A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010).
- ⁷ Shane Anderson, *How to Kill Adventist Education (and How to Give It a Fighting Chance)* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2009), p. 22, 56.
- ⁸ Shane Anderson, *Op. Cit.*, n° 12, p. 144.
- ⁹ Larry Blackmer, *Adventist Review*, 27/07/2006, p. 8-13.



Tempo de despertar

“Deus fala. Ele nos ordena que fiquemos à parte e tenhamos comunhão com Ele”

E screvendo aos cristãos romanos, o apóstolo Paulo advertiu: “Digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (Rm 13:11, 12).

Ao longo dos anos, tenho descoberto que Deus está constantemente tentando me despertar, sempre que eu começo a dormir espiritualmente. Creio que isso também é verdadeiro para todos os cristãos e para a igreja como um todo.

Até julho do ano passado, Janet e eu desfrutávamos nosso ministério liderando a Associação Central da Califórnia. Porém, durante a assembleia mundial da Igreja, realizada em Atlanta, fui chamado para me unir à equipe da Associação Ministerial. Depois de um intenso processo de busca ao Senhor em oração, aceitamos o convite que, de fato, represen-

tou um chamado ao despertar em nossa vida e nosso ministério. Mas essa não foi a primeira experiência nesse assunto.

Primeiro despertar

Cresci no lar de um pastor e uma professora adventistas. Meus pais amavam servir ao Senhor, mas eu aparentemente não conhecia Jesus nem tinha certeza da salvação, quando era adolescente. Enquanto eles cumpriam seu ministério, eu preferia ficar em casa vendo televisão. Minhas ações eram rebeldes e destrutivas. Fui expulso de três colégios adventistas, me envolvi com drogas e queria ser completamente livre de qualquer coisa que se relacionasse com igreja ou religião. Na juventude, frequentei uma faculdade pública, onde me juntei a outros rebeldes e fazíamos tudo o que queríamos.

Mas Deus tinha planejado um despertar. Meus pais compreenderam que eu travava uma grande luta e pediam a todos quantos podiam que orassem pelo filho perdido.

Num sábado à noite, depois de um dia inteiro experimentando droga, minha namorada e eu conversávamos sobre o quanto odiávamos as pessoas e porque não éramos felizes. Durante a conversa, num lance de lucidez, compreendemos que as únicas pessoas que se importavam conosco eram os cristãos adventistas.

Nossos pais enviaram um pastor (ex-alcoólatra) para conversar conosco. Batemos a porta em sua face, mas ele deixou o cartão de visita, dizendo: “Vocês precisarão de mim algum dia e, quando isso acontecer, podem me chamar.” Naquela noite, nos lembramos de tudo o que tínhamos aprendido na infância e concluímos que a única alegria real era o amor. Decidimos dar uma chance a Jesus. Que maravilhoso despertar experimentamos!

Seis meses depois de experimentar o amor e a aceitação de um grupo de irmãos em uma pequena igreja, matriculei-me no curso teológico da Universidade Andrews e, durante o período de estudos, procurei me

envolver no trabalho em favor de outros. Naquela Universidade, o Senhor me despertou para o poder da oração, a alegria da certeza da salvação, a força do ministério de pequenos grupos e outras atividades evangelísticas.

Segundo despertar

Outro despertar aconteceu no sudeste de Illinois, em meu primeiro distrito pastoral, composto por duas igrejas e um grupo. Na época, incentivado pelos líderes da Associação, plantei uma nova igreja. Jovem e animado, envolvido com pregação, visitação de membros, estudos bíblicos, escola, e tantas programações quantas me fosse possível assistir, algumas vezes, cheguei a cochilar ao volante. Tempos depois, fui chamado para outra Associação. Aquelas igrejas cresceram e o grupo se tornou igreja organizada. Mas, compreendi que eu não pastoreava de acordo com o modelo bíblico, ou seja, eu não treinava nem disciplinava os membros.

Então, resolvi seguir o princípio do “sacerdócio de todos os crentes”, treinando e equipando a irmandade para o trabalho missionário. Compreender e ensinar sobre os dons espirituais representou grande despertar para minha igreja e meu ministério. Quando fui designado pela Associação para treinar os irmãos em vários ministérios, alegremente aceitei. Durante cinco anos, Deus continuou abrindo meus olhos para novos aprendizados e orientações.

Terceiro despertar

Na Pensilvânia, fui agraciado com um dos maiores chamados de Cristo ao despertar. Ali trabalhei como secretário ministerial e diretor de Ministério Pessoal, secretário e presidente da Associação. Minha esposa e eu sabíamos que as pessoas estavam orando por nós, porque em todos os lugares elas nos falavam sobre isso. Certa ocasião, em uma reunião campal, os irmãos foram incentivados a orar, no início do dia, para que os líderes recebessem o batismo do Espírito Santo.

Sem compreender plenamente o poder da oração intercessora, demorei algum tempo até me engajar no programa. Inicialmente, Janet sentiu a alegria do Espírito Santo no coração. Mas eu resistia, imaginando que, como presidente da Associação, eu era um líder muito espiritual e talvez não precisasse ser espiritualmente ajudado por outras pessoas. A realidade foi que, com o passar dos meses, a nova experiência de oração e amor que Janet vivia com o Senhor me incomodava e fazia me sentir culpado.

Foi durante um encontro de oração que Deus, finalmente, captou minha atenção. Janet estava respondendo ao chamado do Espírito Santo e crescendo na nova experiência. Observando-a, certa manhã, lembrei-me de uma senhora que havia lhe causado mágoa. Silenciosamente, perguntei a Deus: “Se ela está crescendo espiritualmente, por que ainda está magoada com aquela mulher?” Na manhã seguinte, veio a resposta: Impressionada por Deus, Janet chamou a mulher e, com palavras de graça que lhe foram dadas pelo Senhor, lhe ofereceu perdão. Quando vi e compreendi o que Deus tinha feito, meus muros de resistência caíram como os de Jericó. Aprendi a gastar mais tempo em oração. E Deus tem nos mostrado novas e maravilhosas formas de adorar e orar, à medida que nos tornamos mais íntimos dEle e nEle nos alegramos.

A seguinte declaração de Ellen G. White tem me dirigido em alguns dos mais produtivos e significativos tempos em minha jornada cristã e pastoral: “Em meio a essa corrida louca, Deus fala. Ele nos ordena que fiquemos à parte e tenhamos comunhão com Ele. ‘Aquietai-vos e sabeí que Eu sou Deus.’”

“Muitos, mesmo nas horas de devoção, deixam de receber a bênção da comunhão real com Deus... Com passos precipitados apertam-se ao atravessar o grupo dos que têm a adorável presença de Cristo, detendo-se possivelmente um momento

no recinto sagrado, mas não para esperar conselho... E com seus fardos eles voltam a seus trabalhos. Esses trabalhadores nunca poderão alcançar maior êxito antes que aprendam o segredo da força. Devem dar a si mesmos tempo para pensar, orar e esperar de Deus a renovação da força física, mental e espiritual” (*Educação*, p. 260, 261).

Se desejamos reavivamento e reforma, devemos investir tempo com Jesus e permitir que Ele habite em nós. Reavivamento e reforma de nossas igrejas tem início com nossa ligação com Cristo Jesus. Como em Atos 6, quando focalizarmos a oração e o ministério da Palavra, a igreja florescerá.

Despertamento hoje

Certamente, desejamos disponibilizar treinamento nas áreas do ministério e desenvolver recursos para os pastores. Entretanto, nossa prioridade máxima é a ligação com Jesus.

Individualmente e em equipe, estamos tomando tempo para orar, pedindo que Deus nos dirija. Sabemos que essa experiência de oração e comunhão produzirá pastores e líderes com tanto poder como nunca imaginamos nem sonhamos. Há também o “Projeto 777”, que nos incentiva a orar sete dias por semana, às sete horas (da manhã ou da tarde), para que o Espírito Santo nos capacite, bem como nossos líderes, familiares e igrejas. Participe desse projeto, junte-se aos milhares de pastores que, em todo o mundo, estão comprometidos com a vida de oração. Lembre-se da promessa de Jesus: “Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a Terra, concordarem a respeito de qualquer coisa, que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por Meu Pai, que está nos céus” (Mt 18:19).

“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15:58). ▀

ESPECIAL

Que o trabalho não nos separe

A comovente história da restauração de uma família pastoral que esteve à beira da destruição

Quando tínhamos 18 meses de casados, nasceu nosso primeiro filho. Um mês depois, ingressamos no seminário, a fim de nos prepararmos para o ministério. Porém, depois de dez anos, nossos sonhos pastorais tinham se convertido em pesadelos conjugais. Aconselhávamos outros casais, enquanto nossa própria relação estava partida. Embora nunca tivéssemos mencionado a palavra “divórcio”, nós dois sabíamos que nosso casamento estava ruindo. Semelhantes a dois naufragos, lutávamos desesperadamente em busca do ar de que tanto necessitávamos, até chegarmos a um ponto quase sem possibilidade de retorno.

Esta é a história de nosso naufrágio, e também de nossa surpreendente experiência com a graça de Deus, que curou e restaurou nosso casamento.

Primeiros sonhos

Júlia: Depois de quatro difíceis anos no seminário, Matias finalmente se formou. Tínhamos conquistado o prêmio, e agora a vida ficaria melhor, pois, acreditávamos que seria mais fácil e normal. Em junho daquele ano, assumimos nossa primeira congregação, uma pequena igreja rural. Eu alimentava expecta-



tivas e sonhos para aquela congregação. Em termos práticos, imaginei que teríamos um salário adequado às nossas necessidades. Em termos espirituais, acompanhava com entusiasmo e orgulho meu esposo, partilhando meus dons, ideias e minha paixão pelo ministério.

Porém, a realidade da igreja logo lançou por terra nossos sonhos. No primeiro Natal, programei um encontro especial para a congregação. Durante muitos dias, preparei a casa para esse encontro de amor, decorando-a cuidadosamente e pre-

parando deliciosos quitutes para os convidados. No dia marcado, depois de esperar muito tempo, apareceu apenas uma pessoa. Fiquei profundamente desiludida.

Passados alguns meses, planejei receber cada família da igreja, separadamente, em nossa casa. Tendo em mãos a lista de membros, obedeci à ordem alfabética. Foi um transtorno geral. Uma das famílias tinha três garotos que quase destruíram a casa, sujando tapetes, quebrando cadeiras e outros objetos. Vencida mais uma vez, nem cheguei à letra B.

Essas experiências me fizeram sentir rejeitada e desvalorizada pela igreja. Não encontrava meu lugar na congregação. Acho que nem os irmãos sabiam como se ligar a mim. Vivendo em um povoado com uma cultura que eu não entendia, me sentia como alguém que foi lançado em um lago rodeado por uma densa treva. Precisava encontrar o meio de nadar até à praia, mas não tinha a menor ideia de como fazer isso.

Enquanto Matias se entregava cada vez mais ao trabalho, comecei a construir um muro de proteção ao redor dos meus sentimentos. Quando mais ele avançava, mais eu me refugiava em minha própria carcaça.

Matias: Eu não tinha grandes expectativas quanto à igreja nem sobre meu casamento, mas esperava grandes coisas de mim mesmo. Infelizmente, não percebia quão profundamente essas expectativas estavam ligadas às feridas não curadas da minha alma. Sonhava em ser um pastor “fiel” que amasse as pessoas, pregasse sermões inspiradores e desenvolvesse uma visão nova para a congregação. E esperava que Júlia me ajudasse nisso.

Fiquei surpreso quando ela falou de sua frustração e da dor que sentia como esposa de pastor. Dizia sentir que todos na igreja eram mais importantes do que ela, mas eu não conseguia entender a profundidade de sua angústia. Pensava que ela necessitava apenas resolver a questão de seu aborrecimento e tristeza; por isso, minimizei seus sentimentos e me entreguei com ainda mais fervor à tarefa de edificar a igreja.

Pouco tempo depois do nascimento de nosso quarto filho, nossa filha me chamou no escritório da igreja: “Papai, volte para casa. Mamãe está caída no chão; acho que está morta!” Suspirei e voltei para casa a fim de reanimar minha melodramática esposa. Eu estava convencido de que era um bom pastor e esposo. Afinal, dedicava um dia semanalmente à família. Embora a igreja fosse minha obsessão, pelo menos ficava em casa.

Quando olho para trás, percebo que eu valorizava a igreja e meus filhos, mas não tinha ideia de como fazer o mesmo com Júlia. E minha excessiva ocupação e arrogância não me permitiam aprender.

Rumo ao desprezo

Júlia: Fiz um voto de não me converter em uma esposa de pastor amargurada. Então, tratei de desenvolver uma vida à parte da igreja e dos sonhos que tínhamos alimentado no passado. Se Matias não estava disponível para mim nem a igreja mostrava interesse em aproveitar meus dons – eu pensava –, não via por que devia passar a vida sozinha e triste.

Fiz um curso na área de aconselhamento e me lancei a um ministério paralelo numa clínica. Obrigava-me a assistir à igreja, mas, para mim, ela era a congregação de Matias. Eu havia organizado reuniões sociais e nos lares, estudos bíblicos, cultos de oração e seminários; porém, como tudo terminou em aparente fracasso, me senti vencida. A igreja e eu não combinávamos. Além disso, a meu ver, Matias havia permitido que ela consumisse sua vida pessoal e nosso casamento. Ele não soube estabelecer limites, animando as pessoas a invadir nossa vida pessoal quando bem entendessem. No seu dia livre, o corpo de Matias ficava em casa, mas a mente e o coração continuavam com a igreja.

Na igreja, havia uma pessoa que conhecia profundamente minhas lutas, uma mulher chamada Nancy, que se tornou nossa mediadora. Às vezes, ela ficava até tarde da noite, ouvindo o relato de minha agonia. Partilhava a desilusão sentida por Matias, me confrontava ternamente com meu erro, minha necessidade de entender a perspectiva de quem pertencia à congregação. Animava-me a perseverar na tarefa de tentar mudar gradualmente.

Matias partilhava seu desgosto para comigo. Nancy também o confrontava com seu erro e o animava a investir mais em nosso casamento. Ela estava conduzindo um processo

extraordinário de aconselhamento, tentando reparar as brechas de nosso desprezo mútuo. O esforço dela permitiu que nossa frágil união durasse um tempo mais, porém, eu não me via como pecadora na situação. Era conveniente culpar Matias por tudo; mas, parte de minha solidão e angústia nada tinha que ver com ele nem com a congregação. As feridas de minha infância impediam que eu confiasse nos outros. Também me era difícil aceitar as boas pessoas da igreja pelo que eram. Em vez disso, fechei meu coração, inclusive aos que tentavam me amar, ainda que fosse à maneira deles.

Matias: Eu sentia que estava realizando meus sonhos pastorais: sermões transformadores, um grupo revitalizado de jovens, uma igreja em crescimento e liderança influente na comunidade. Mas, havia uma profunda ferida em meu coração. Precisava desesperadamente da afirmação do povo. A aprovação das pessoas era mais importante que a de minha esposa. Estava tirando “dez” no pastorado, porém, “zero” no meu casamento.

Em vez de curar essa ferida, o sucesso pastoral abriu-a mais ainda. Buscava aplausos da congregação, mas o aborrecimento de Júlia tornou amargo o reconhecimento das pessoas. Quando alguém perguntava por ela, eu dava alguma desculpa; pois ela passava mais tempo na clínica de aconselhamento. Somente Nancy conhecia nossa história, pois eu me esforçava para esconder os conflitos. A necessidade de escondê-los produziu em mim sentimentos de tristeza e ira. A ira me levava a buscar a forma de controlar Júlia; e, quanto mais tentava, mais ela escapava de mim.

Ocasionalmente, surgia alguma faísca de amor entre as cinzas do desprezo. Numa noite de Natal, estávamos sentados entre papéis e caixas de presentes. Felizes, as crianças abriam os pacotes. Tomei-a pela mão e confessei: “Este ano foi muito difícil. Você não sabe quanto lamento! Realmente, amo você!” Júlia explodiu em pranto. Abraçamo-nos e choramos

juntos. Foi um momento de ternura, que reacendeu nosso desejo de intimidade e companheirismo.

Mas, não se pode curar, num instante, um casamento quebrado; e eu não sabia quão profundamente Deus queria transformar minha própria vida. Não conseguia compreender o coração ferido de Júlia. Ela estava aborrecida comigo e com a igreja. Chegava tarde da clínica, e acabávamos discutindo. Eu voltava tarde das reuniões da igreja, e acabávamos discutindo. Nossos sonhos haviam se transformado em desdém.

Tratamento de choque

Matias: O pastorado não era mau. Eu trabalhava menos que muitos colegas; passava mais tempo com nossos filhos, em comparação com a maioria dos pais da igreja. Que mais ela podia querer? Durante três anos, ela me dizia que se sentia sozinha, ferida, ignorada e desvalorizada. Eu

ouvia, mas não a entendia. Achava que esse era um problema dela, não meu. Lentamente, a vi se afastando da igreja e de minha vida. Finalmente, no verão de 1995, enquanto participávamos de um retiro com os jovens, Júlia me chamou para dar uma notícia devastadora. Enquanto conversávamos, percebi que ela já não estava aborrecida; sua voz era de indiferença. Disse-me, então: “Já não sei se o amo. Estou confusa, porque acho que amo outra pessoa.”

Júlia: Eu não tinha ideia de quão profundamente me havia fundido em meu próprio erro. Depois de quatro gestações, me sentia deformada e feia. A atenção que aquele homem me dedicava na clínica me fazia sentir formosa e atraente. Em vez buscar encher o vazio de meu coração em Deus, comecei a gostar do interesse que ele me demonstrava.

Não chegamos a ter relacionamento físico, mas minhas emoções estavam completamente sufocadas nele. Sentia como se vivesse uma vida dupla: era esposa do pastor, mãe de quatro filhos e amante de um homem muito atraente. O poder sedutor dessa vida oculta começava a consumir minhas paixões.

Matias: Eu tinha minhas suspeitas quanto a esse homem, mas sempre que perguntava, ela me assegurava que não eram mais que colegas de trabalho. Finalmente, aquela que vivia longe de mim, dos filhos e da igreja conseguiu captar minha atenção. Durante os seis meses seguintes, entrei num tempo de arrependimento e tristeza. Percebi o que estava perdendo por causa de minha negligência e correria ministerial. Arrependi-me de como havia tratado Júlia. Sabia que precisava

reconquistar seu afeto, assim como fiz durante o namoro e noivado.

Deus expôs, com feroz e insistente misericórdia, o erro em minha vida; minhas prioridades erradas, minha frieza para com Júlia, meus ídolos arraigados. Sempre estivera disponível para a igreja, mas ausente da esposa. Durante cinco anos, havia utilizado as demandas do ministério para ignorar o coração da minha companheira de vida.

Também comecei a entender que minha ânsia por sucesso no ministério tinha muita relação com meus conflitos; minha falta de intimidade, meu desejo de reconhecimento e conquista. Agora, desejava profundamente me aproximar de Deus e de minha esposa. Impulsionado pelo quebrantamento, desejava aprender a valorizar Júlia.

Tempo de arrependimento

Júlia: Quando Matias começou a mudar, minha surpresa foi profunda. Em seu trabalho, pela primeira vez, ele começou a estabelecer limites e a se negar a algumas demandas do povo. Mais que isso, ele buscou meu coração. Em seu dia livre, realmente se desvinculava do trabalho. Ao sairmos de férias, deixava a igreja para trás e centralizava-se em mim e em nossos filhos. Não ligava para o escritório para saber como estavam as coisas, nem lia livros relacionados com o pastorado. Mesmo assim, eu ainda não estava pronta para lhe entregar novamente meu coração. Sentia muito medo, e ainda continuava emocionalmente ligada ao colega de trabalho.

No verão de 1996, Matias foi transferido para uma igreja três vezes maior, a 120 km de onde estávamos. Imaginei que os requerimentos do novo trabalho voltariam a devorar meu esposo e seus esforços para voltar a me amar. Porém, ele não permitiu que isso acontecesse, mantendo-se fiel aos limites estabelecidos.

Enquanto isso, minha aventura emocional veio à luz e o diretor do centro de aconselhamento me confrontou: “Vocês dois ficam muito



Foto: Shutterstock

tempo juntos. Acaso, você está enamorada dele?” Confessei que nutria sentimentos fortes por ele, mas não havíamos tido relações. Fui comunicada que aquela era uma situação intolerável na organização e fui despedida. O colega também foi despedido e não mais tivemos contato.

Quando perdi meu trabalho, entrei num período de arrependimento e dor. Apesar das minhas racionalizações, aquela relação não era o modo correto de responder à infelicidade que eu experimentava no casamento. Era pecado! E fui descoberta. Senti-me exposta, envergonhada e cheia de remorso. Dilacerava-me saber que havia entristecido Matias e nossos filhos. E comecei a enfrentar algumas feridas que ainda tinha, desde a infância, relacionadas com traição, abandono e solidão.

Sofri com a perda de amigos e de apoio, pois as pessoas do centro de aconselhamento tinham sido como família para mim. Repentinamente, esses relacionamentos desapareceram. Entrei em depressão, emagreci muito e fui trabalhar como garçone. Entretanto, Matias jamais me virou as costas. Perdi tudo o que considerava importante – meu trabalho, sucesso e fantasia emocional – e comecei a recuperar tudo o que Deus valorizava.

Reconstrução

Matias: Quando Júlia perdeu o emprego e eu percebi quão profundos eram seus sentimentos pela outra pessoa, nosso casamento começou a mudar, apesar da profunda dor que eu sentia. Era como ouvir um médico dizer depois de uma cirurgia de câncer: “Acho que pudemos salvar em tempo”.

Júlia me disse que o relacionamento com o outro homem havia terminado, tudo tinha sido um engano, e ela estava comprometida a reconstruir nosso casamento. De minha parte, eu estava decidido a não permitir a volta das condições que a tinham levado a buscar afeto em outro homem.

Durante esse tempo, também começamos o projeto de construir nossa casa própria. Juntos, escolhemos o terreno, fizemos a planta com todos os detalhes. Durante os cinco meses da construção, sempre comentávamos que a casa se parecia com nosso casamento. Inicialmente, a única coisa que víamos era o terreno vazio; porém, lentamente se transformou na bela casa que compartilhávamos juntos. Fomos inundados pelo desejo e esperança de um futuro melhor do que o caminho que havíamos trilhado até então.

Júlia: Quatro anos depois de reconstruir a confiança e estabelecer novos padrões para nosso relacionamento, Matias aceitou ser o pastor de uma grande igreja em outro estado. Embora, eu soubesse que aquela era a vontade de Deus, não pude evitar o sentimento de temor: “Que acontecerá se ele voltar a ser como antes?” Os fantasmas do passado, que eu imaginava derrotados, começaram a me atemorizar novamente.

O medo se tornou em ira que, com frequência, era dirigida a Matias. Pequenos incidentes detonavam reações iradas e isso fustigava meu esposo. Sabia que necessitava de aconselhamento.

Matias: Durante o tempo de transição, um sábio conselheiro nos ajudou. Por exemplo, uma noite quando tivemos que pousar num hotel, Júlia me pediu que fosse à recepção buscar mais uma toalha e um sabonete. Quando voltei com a toalha, mas sem o sabonete, ela explodiu. Posteriormente, falei ao conselheiro sobre o que me pareceu ser um escândalo ridículo por causa de um sabonete. Ele me respondeu: “A ira dela não tem que ver com o sabonete. Ela sente medo da mudança. Aborrece-se porque teme que você não a escute, nem a considere. Ela é o sabonete. Irá você deixá-la por causa de outras coisas?”

Suas intervenções sábias nos ajudaram no preparo para a mudança. Deixamos de focalizar os detalhes e começamos a ouvir o que cada um esta-

va dizendo. Procurei melhorar minha capacidade para ouvir o coração dela.

Graça para o futuro

Matias: Em 2001, assumimos uma nova igreja. Nossa filha está na Universidade e temos três adolescentes em casa. Júlia e eu estamos unidos no trabalho do Senhor. Que privilégio!

Júlia: Não tem sido fácil. Mudar a família e acostumá-la a uma nova cultura, em certos momentos, foi muito doloroso. Poucos meses depois de nossa mudança, dois aviões se estatelaram nas torres gêmeas, apenas a 80 km de nossa igreja. A angústia provocada pela perda de alguns amigos durou muitos meses. No ano passado, foi diagnosticado câncer em minha tireoide. Embora seja um tipo de câncer facilmente tratável, foi muito difícil receber a notícia. A pressão que sinto por tantas situações complicadas, ocasionalmente me perturba e esgota.

Apesar de tudo, em meio às necessidades dos nossos filhos, sessões de quimioterapia e dezenas de novas pessoas na igreja, Matias tem sido fiel em me acompanhar. A igreja tem me rodeado com amor. Durante a fase mais intensa do tratamento, os irmãos providenciavam nossas refeições diárias. Alguns desses irmãos, agora, são meus companheiros de ministério. No ano passado, fui à comissão, falei sobre alguns projetos e pedi orações. Todos os membros se mostraram muito carinhosos. De fato, tenho encontrado verdadeiros amigos na igreja.

Matias: Sou agradecido a Deus pelas Suas muitas misericórdias para conosco. Nossa peregrinação até aqui foi muito dolorosa. Algumas vezes, ambos tivemos que ser confrontados com nossos erros e fraquezas. Porém, das cinzas de nossa vida, Deus reconstruiu nosso casamento e colocou nosso ministério no rumo certo. A partir do caos, a abundante graça de Deus permitiu o ressurgimento da felicidade entre nós. ▀



Aperfeiçoando santos

Acima de estratégias, programas e investimentos, está o desenvolvimento dos dons espirituais na igreja

Pode a igreja sobreviver em nossa época? O pós-modernismo desqualifica as instituições e o tradicionalismo, preferindo grupos independentes e uma mentalidade fundamentada em tolerância, dúvida constante e experimentalismo. Em vista disso, cabe a pergunta: Qual é o benefício de se frequentar igrejas? Acaso, não é possível cultivar a espiritualidade em casa, sem regras preestabelecidas e convenções antiquadas?

Essas considerações não devem ser ignoradas pelos cristãos do século 21, mesmo que haja a tentação de nos fecharmos em uma subcultura religiosa. Se assim procedêssemos, perderíamos a influência sobre a sociedade. Por outro lado, trata-se de uma questão de sobrevivência: o impacto dessa mentalidade sobre a cosmovisão cristã tem diminuído a importância da frequência à igreja. Isso é sintomático da própria desimportância com a qual a igreja é considerada, que deixa de ser aquilo que a Bíblia afirma sobre ela, ou seja, um ambiente de amadurecimento espiritual constante.

Como resgatar a visão de Deus sobre a igreja em meio aos questionamentos pós-modernos? Somente pela reafirmação dos princípios revelados, ela achará apoio para responder com propriedade aos ataques do pensamento em voga.

Neste artigo, a partir do estudo de Efésios 4:7-16, verificaremos o papel de cada cristão; a função da igreja; o tipo de experiência que pode ser usufruída na comunidade de fé e, finalmente, a postura para que a igreja continue crescendo conforme o plano de Deus. Cada um desses tópicos receberá resposta dentro da carta aos efésios. Antes, analisaremos duas importantes verdades que englobam os ensinamentos do texto em consideração.

Resultado da vitória de Cristo

Paulo nos fala da graça mensurável pelos dons repartidos entre todos os cristãos (Ef 4:7). Apesar de o apóstolo discorrer em diversas ocasiões sobre a “graça salvadora”, aqui ele fala sobre a “graça para o serviço”.¹ Assim sendo, a igreja é uma “comunidade carismática”,² no

sentido de que recebe capacitação através dos dons espirituais. Afinal, “cada cristão recebe uma função ministerial, para a qual os líderes da igreja precisam equipá-lo”.³

O escritor inspirado também identifica a distribuição de dons como resultado da vitória do Senhor Jesus Cristo, alcançada na cruz. Para isso, ele cita as palavras do Salmo 68:18, que se apresentaram levemente modificadas. Para alguns estudiosos, as tentativas de conciliar as palavras do salmo exatamente com o uso que Paulo fez delas gerou apenas resultados malsucedidos.⁴ Para tais eruditos, Paulo teria apenas feito uma aplicação e não citado literalmente as palavras de Davi.⁵

Entretanto, para Calvino, “dizer que Deus manifestado na carne recebeu dons dos cativos é a mesma coisa que dizer que Ele os distribuiu com Sua igreja”.⁶ Ademais, o referido salmo estabelece (v. 19, 20), que o povo de Deus “compartilha os benefícios da conquista”.⁷ John Stott afirma que os conquistadores recebiam presentes dos conquistados, os quais se

tornavam dádivas a ser repartidas com o povo vitorioso. Como evidência adicional, Stott menciona que as próprias versões bíblicas Siríaca e Aramaica atestam que o salmo pode ser interpretado dessa maneira, considerando que empregam a forma verbal “concedeu”.⁸

Em seguida, Paulo considera as consequências da afirmação do verso 8: “Repare aqui: dizer que Cristo ‘subiu’ significa que antes Ele deve ter ‘descido’, isto é, até a profundidade deste mundo. Aquele que desceu é o mesmo que agora subiu para bem alto, acima do céu – a fim de que pudesse preencher todo o Universo (Ef 4:9, 10).”⁹ Em Sua humilhação, Jesus alcançou a vitória que agora, em Sua exaltação, reparte com Seu povo. Após essa reflexão teológica, Paulo trata da diversidade e funcionalidade dos dons espirituais.

Crescimento dos cristãos

Como disse um intérprete, se o círculo dos que recebem a revelação de Jesus se restringe aos santos apóstolos e profetas (v. 11),¹⁰ muitos mais são os que podem participar do ministério. Afinal, Deus designou pelo menos um dom para cada cristão.

Não se trata apenas de ocupar um cargo na igreja, porque uma indicação que não considere os dons não terá valor.¹¹ Tendo sido identificados com Cristo, somos parte de Seu corpo, o que conspira contra a ideia de uma “piedade individualista, típica de muita prática mística tradicional e da Idade Média tardia”. Pertencemos a Cristo, mas pertencemos a Ele “juntamente com os outros, com a implicação óbvia de que uma coisa sem a outra” tornaria o todo algo desequilibrado e doentio.¹²

A lista de dons mencionados (v. 11) não é extensa nem pretende ser definitiva. Apesar disso, Paulo ressalta o propósito dos dons sobrenaturais, dizendo que foram outorgados “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:12).

A palavra grega aqui traduzida como “aperfeiçoamento” sugere o conserto de algo para melhor uso (conforme Mt 4:21, onde se diz que João e Tiago consertavam as redes).¹³ A *New American Standard Bible* traduz o vocábulo empregado na carta aos efésios como “preparo”. Já o termo “edificação” aparece na Septuaginta em alguns textos de Jeremias (1:10; 24:6; 31:4; 33:7), que tratam da edificação de Israel. Provavelmente, o sentido metafórico de Jeremias tenha influenciado Paulo.¹⁴ “Isto traz a lume com maior clareza que o propósito imediato dos dons de Cristo é o ministério realizado por todo o rebanho; seu propósito último é a edificação do corpo de Cristo, ou seja, a igreja.”¹⁵

Em qual momento essa dinâmica ocorre na congregação? Em primeiro lugar, amadurecemos espiritualmente, nos tornando semelhantes a Cristo (v. 13). A igreja funciona como estufa: trata-se do ambiente controlado para propiciar crescimento espiritual harmônico e coletivo. Sendo que ninguém possui todos os dons, precisamos uns dos outros para crescer em Cristo, seguindo “a verdade em amor” (v. 15, 16). “A igreja não é um corpo que inventa ideias”, declarou Francis Schaeffer, “a igreja é uma declaração daquilo que Deus revelou a respeito de Si próprio na Escritura.”¹⁶

Sendo participantes do processo de maturação, resistiremos solidamente aos enganos. “Então, não seremos mais crianças, que são barquinhos agitados pelas ondas e levados de um lado para outro por todo tipo de ensinamento que apareça” (Ef 4:14).¹⁷

Lições do texto

Tendo estudado a mensagem de Paulo aos efésios, voltemos aos tópicos iniciais:

A função de cada cristão. Somos chamados para exercer nossos dons e colaborar com a comunidade cristã local (v. 11-13)

A função da igreja. A igreja deixa de ser entendida como instituição ou organismo, passando a ser considerada um corpo vivo, o corpo simbólico do Senhor Jesus, no qual cada parte deve agir de forma articulada (v. 16).

O tipo de experiência que se pode usufruir na comunidade de fé. Somente na igreja é usufruída verdadeira comunhão de espiritualidade sadia, inspirada em Cristo e exercitada no convívio com outras pessoas resgatadas por Ele (v. 14, 15).

A fórmula para o contínuo crescimento da igreja. Acima de estratégias, programas e investimentos (todos eles muito importantes), deve estar o treinamento e desenvolvimento dos dons espirituais (v. 12). Uma igreja que cresce espiritualmente também crescerá numericamente. Se apenas focalizarmos o crescimento numérico, não teremos assegurado o crescimento espiritual. ▀

Referências:

- ¹ John Stott, *A Mensagem de Efésios* (São Paulo, SP: Aliança Bíblica Universitária, 1986), p. 111.
- ² Ibid.
- ³ Robert Gundry, *Panorama do Novo Testamento* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2007), p. 348.
- ⁴ Francis Foulkes, *Efésios: Introdução e Comentários* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2006), p. 96.
- ⁵ William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento: Efésios* (São Paulo, SP: Editora Presbiteriana, 1992), p. 237, 236.
- ⁶ João Calvino, *O Livro dos Salmos* (São Paulo, SP: Edições Paracletos, 1999), p. 661.
- ⁷ Derek Kidner, *Salmos 1-71: Introdução e Comentários* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2006), p. 264.
- ⁸ John Stott, *Op. Cit.*, p. 112.
- ⁹ J. B. Phillips, *Cartas Para Hoje* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1994), p. 114.
- ¹⁰ Gerhard Dautzenberg, *Forma e Exigência do Novo Testamento* (São Paulo, SP: Editora Teológica, 2004), p. 149.
- ¹¹ Francis Foulkes, *Op. Cit.*, p. 97.
- ¹² D. G. Dunn, *A Teologia do Apóstolo Paulo* (São Paulo, SP: Paulus, 2008), p. 464, 465.
- ¹³ Francis Foulkes, *Ibid.*
- ¹⁴ W. E. Vine, Merril F. Unge e William White Jr., *Dicionário Vine* (Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002), p. 582.
- ¹⁵ William Hendriksen, *Op. Cit.*, p. 246.
- ¹⁶ Francis Shaeffer, *Espiritualidade Cristã* (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2008), p. 224, 225.
- ¹⁷ *Novo Testamento, Versão Fácil de Ler* (São Paulo, SP: Editora Vida Cristã, 1999), p. 299.



Evangelismo para hoje

Como é possível comunicar a fé bíblica e cristã a um mundo em constantes mudanças culturais, de conceitos e ideias?

Uma definição clássica de evangelismo o apresenta como proclamação do evangelho, ou das boas-novas da salvação efetuada por meio de Jesus Cristo, através da Sua morte e confirmada na humilhação da sepultura e no triunfo da ressurreição. O mundo precisa ouvir o evangelho, que im-

plica no triunfo de Jesus Cristo sobre o pecado e a morte, na reconciliação de todas as coisas, em Cristo, e no fato de que o reino da graça está presente. O reino da graça é tempo de oportunidade para que a igreja cumpra sua missão (Mt 24:14),



as pessoas aceitem a salvação e se preparem tendo em vista o breve estabelecimento do reino da glória (Ap 14:6-12).

O mundo necessita ouvir, cada vez mais urgentemente, a mensagem do evangelho. Porém, como nos será possível comunicar a fé bíblica e cristã, neste mundo marcado por mudanças culturais rápidas, novos conceitos e ideias?

Panorama do mundo

A propósito do desafio evangelístico do mundo contemporâneo, Francis Shaeffer afirmou: “Cada geração cristã defronta com este problema de aprender como falar ao seu tempo de maneira comunicativa. É problema que não se pode resolver sem uma compreensão da situação existencial, em constante mudança, com que se defronta. Para que consigamos comunicar a fé cristã de modo eficiente, portanto, temos que conhecer e entender as formas de pensamento da nossa geração.”¹

Essas “formas de pensamento da nossa geração” podem ser resumidas nos seguintes termos:

Antropocentrismo. O mundo contemporâneo tem como base a declaração de que “o homem é a medida de todas as coisas”. Isso pressupõe a predominância da filosofia humanista que o coloca como centro do Universo, em flagrante contraste com o ensino bíblico de que todas as coisas foram criadas por Deus e para a Sua glória. “Amantes de si mesmos” (2Tm 3:2) é a melhor expressão para esse perfil. Tais homens se consideram pequenos deuses capazes de impor a própria vontade, como se essa fosse completa e suficiente para as realizações humanas.

Relativismo. Comunidades e culturas têm seu próprio jogo de linguagem. Tudo é subjetivo, relativo, contingencial e ambíguo. Sob essa ótica, não há lugar para valores absolutos, isto é, princípios imutáveis da Palavra de Deus, válidos para “todas as pessoas, em qualquer

época e em todos os lugares”. Estes são considerados impróprios por aqueles que vivem ao sabor de suas concupiscências, sendo prisioneiros do contexto e das convenções sociais pois, supostamente tolgem a liberdade das pessoas.

Materialismo. O materialismo parte do princípio de que tudo no Universo se reduz à matéria, e que nada existe além desta. Não admite o sobrenatural. Para os materialistas, o Universo, com todos os seus infinitos componentes, as inimagináveis complexidades, a assombrosa precisão e detalhes, é incriado, sem nenhuma causa originadora. Por estarem vivendo na cegueira espiritual, materialistas e ateus não conseguem enxergar nada além do mundo físico, apesar de todas as coisas criadas apontarem para Sua causa primária que é Deus (Sl 19:1-6).

Globalização. A sociedade contemporânea sabe viver numa aldeia global. A cibernética lhe dá acesso instantâneo ao mundo. Em contraposição às infinitas possibilidades que oferecem, computador, televisão e internet também banalizam, entre outras coisas, o próprio Deus. Muitas pessoas falam de Deus como se estivessem falando de automóvel, futebol, ou de qualquer personalidade famosa. Presenciamos uma nova religiosidade, que combina imagem eletrônica, entretenimento e consumo. É o mercantilismo do sagrado; a religiosidade que proporciona êxtase e que anuncia prosperidade material.

Secularismo. Secularização é a maneira de viver da sociedade, seu modo de agir e se acomodar aos padrões impostos pela globalização. Ela torce arditamente a verdade de Deus e busca mostrar a igreja como uma instituição irrelevante e corrompida. Nessa sociedade prevalece a visão evolucionista e se rejeita o pensamento de que somos criaturas de um Deus infinito, pessoal e amoroso.

Permissivismo. O padrão de comportamento correto, com seus limites à luz dos ensinamentos bí-

blicos, tem sido removido, resultando na falência moral da sociedade e comprometendo seriamente a vida de muitos cristãos. Para a sociedade secularista, não há mais limites quanto a comportamento, relacionamento, vestuário, entre outros aspectos. As consequências disso são reveladas na expressão das atitudes mais absurdas, ilícitas e pecaminosas que se possa imaginar, quando vistas à luz da Palavra de Deus.

Enfrentando o desafio

Diante disso, uma questão ainda permanece: Como expressar e comunicar a fé bíblica e cristã no mundo contemporâneo? O desafio é grande, e nenhuma forma de abordagem evangelística é singularmente designada para alcançar todos os indivíduos. Cada pessoa, ou grupo de pessoas, responde melhor a diferentes abordagens. Fundamentados nessa realidade, apresentamos algumas sugestões:

Relacionamento interpessoal. “Indivíduos de mente secularizada não são conquistados por meio de programas, mas por outros indivíduos que desenvolvem relacionamento interpessoal com eles. Os seres humanos respondem à bondade. A amizade genuína quebra preconceitos. Não conseguiremos ganhar pessoas para Cristo, tentando argumentar contra elas.”²

Nos primórdios do adventismo, Ellen G. White já havia escrito: “Um dos meios mais eficazes de comunicar a luz é o trabalho particular, pessoal. No círculo familiar, no lar do vizinho, à cabeceira do doente, de maneira tranquila pode-se ler as Escrituras e falar acerca de Jesus e da verdade. Assim, é lançada preciosa semente, que germinará e produzirá fruto.”³

“Jesus via em cada pessoa alguém a quem devia ser feito o chamado para Seu reino. Aproximava-Se do coração do povo, misturando-Se com ele como alguém que lhe desejava o bem-estar. Procurava-o nas ruas, nas casas particulares, nos barcos, na

sinagoga, às margens do lago e nas festas nupciais. Ia-lhe ao encontro em suas ocupações diárias, e manifestava interesse em seus negócios seculares. Levava Suas instruções às famílias, pondo-as assim, no próprio lar, sob a influência de Sua divina presença. A poderosa simpatia pessoal que dEle emanava, conquistava os corações.”⁴

Confiança nas Escrituras. Para o homem contemporâneo, a Bíblia necessita de substância intelectual; ele não confia na integridade escriturística. Diante disso, além de apresentar um sistema lógico de crenças, doutrinas, ou até mesmo profecias, a igreja deve apresentar Jesus em toda a Sua plenitude, para que a geração atual seja para Ele atraída, sendo assim transformada à Sua imagem. Isso deve ser feito de maneira compassiva, através de relacionamentos significativos. Porém, devemos lembrar que Salinas e Escobar defendem a tese de que o conceito de verdade não pode se perder nesse contexto:

“O que não podemos nem devemos render à pós-modernidade é que se perca o conceito de verdade, da maneira como a encontramos na Bíblia. Não devemos permitir que a Verdade (com maiúscula) se torne relativa e se converta simplesmente em uma verdade (com minúscula) a mais no mercado esotérico pós-moderno”⁵

Autenticidade. O ser humano contemporâneo espera ver cristãos com a Bíblia no coração e no dia a dia; não apenas no bolso ou nas mãos. “Mais do que nunca, o testemunho, o caráter e o estilo de vida dos cristãos estão não apenas sob suspeita, mas também sob os microscópios e telescópios da sociedade secular”, escreveu A. T. Ayres.⁶

A geração atual será atraída a Cristo através de um exemplo de vida diferenciado, ou seja, pelo exemplo edificante e salutar de um estilo de vida fundamentado no exemplo dEle (Jo 13:15, 35). Ayres acrescenta: “Convém deixar claro, no entanto, que essa diferença nada tem que ver

com certas posturas legalistas, farisaicas ou sectárias esposadas por alguns, mas com o evangelho, na beleza de um coração transformado que, no dizer de Pedro, constitui ‘o homem interior’ e na fidelidade a todo o ‘conselho de Deus’.”⁷

O mundo contemporâneo espera ver o cristianismo autêntico em todas as esferas da vida daqueles que o professam. O exemplo diário, não apenas a teoria, é poderoso para causar transformadora influência em relação às pessoas.

“A presença do Espírito dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo dariam”

Poder do Espírito Santo. Sem o poder do Espírito Santo, é impossível alcançar êxito na pregação do evangelho, em qualquer tempo e lugar, especialmente no mundo contemporâneo. Muitas vezes, somos tentados a pensar que as pessoas se deixarão atrair pela erudição dos pregadores, ou por tentarmos lhes oferecer algo semelhante ao que existe no mundo. Isso é a mesma coisa que a tentativa de alguém no sentido de transformar a igreja em clube social, cultos e reuniões de evangelização em programas de auditório, ou numa academia de intelectuais, esquecendo-se de que a sabedoria do evangelho atua em outro nível.

Esta é a promessa do Senhor: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra” (At 1:8).

O Senhor deseja salvar todo aquele que crê (Jo 3:16). E o poder do Espírito Santo é superior a todas as forças que no mundo contemporâneo são opostas ao evangelho. As seguintes palavras de Ellen G. White são oportunas: “Logo ocorrerão mudanças peculiares e rápidas, e o povo

de Deus será revestido do Espírito Santo, de forma que, com sabedoria celeste, enfrente as emergências desta época e neutralize ao máximo possível a influência desmoralizadora do mundo. Se a igreja não estiver dormindo, se os seguidores de Cristo vigiarem e orarem, poderão possuir entendimento para compreender e avaliar as tramas do inimigo.”⁸

E mais: “A presença do Espírito com os obreiros de Deus dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo dariam.”⁹ Nenhum outro poder na Terra resistirá à influência do poder de Deus na vida dos cristãos.

O evangelho a ser pregado ao mundo contemporâneo não é diferente do que foi pregado no tempo dos apóstolos, e os pregadores devem apresentá-lo sob a firme convicção de ser a verdade. Ele deve atingir, com poder transformador, todas as pessoas, independentemente de quais sejam as convicções que alimentem.

As estratégias de pregação podem variar de um contexto para outro, de uma cultura para outra, tendo em vista tornar relevante a Palavra de Deus e facilitar o acesso dela aos corações. Contudo, jamais devemos deixar de apresentar a verdade autêntica, da maneira pela qual seria apresentada pelo próprio Jesus, misturando firmeza, integridade, ternura, compaixão e amor. Nosso revestimento por parte do Espírito Santo se torna realidade à medida que nos colocamos incondicionalmente a Seu serviço. ▀

Referências:

¹ Francis Schaeffer, *A Morte da Razão* (São Paulo, SP: ABU Editora e Editora Fiel, 1974), p. 5.

² Mark Finley, *Ministério novembro/dezembro*, 2001, p. 24.

³ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 62.

⁴ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 151.

⁵ D. Salinas e S. Escobar, *Pós-Modernidade: Novos Desafios à Fé Cristã* (São Paulo, SP: ABU Editora, 1999), p. 47.

⁶ A. T. Ayres, *Como entender a Pós-Modernidade* (São Paulo, SP: Editora Vida, 1998), p. 81.

⁷ *Ibid.*, p. 97.

⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 69.

⁹ _____, *Serviço Cristão*, p. 253.



Diretor de Mordomia Cristã da União Centro-Oeste Brasileira

Pão de cada dia

“De manhã, Senhor, ouves a minha voz; de manhã Te apresento a minha oração e fico esperando” (Davi)

O objetivo do Seminário de Enriquecimento Espiritual, promovido pelo departamento de Mordomia Cristã da Divisão Sul-Americana, é desenvolver e consolidar o hábito de começarmos o dia na presença de Deus. Porém, a última das quatro versões do seminário enfatiza não apenas a importância de começar, mas continuar na presença de Deus durante todo o dia. Isso está em harmonia com a Palavra de Deus: “Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia” (2Co 4:16).

Ao escrever essas palavras, o apóstolo Paulo reconheceu que só existe um modo de enfrentarmos provas e desafios, com possibilidade de êxito: permanecendo em Deus. Sem isso, não pode haver vida espiritual sadia. “Assim como as neces-

sidades do corpo devem ser supridas diariamente, também a Palavra de Deus deve ser diariamente estudada – comida, digerida e praticada. Isso mantém a nutrição, a fim de que a mente seja conservada com saúde. A negligência da Palavra significa inanição para mente. A Palavra descreve como bem-aventurado alguém que medita dia e noite sobre as verdades da Palavra de Deus. Todos nós devemos nos dirigir ao banquete da Palavra divina. A relação entre a Palavra e o crente é de vital importância. O apropriarmos da Palavra para nossas necessidades espirituais é comer das folhas da árvore da vida que são para a saúde das nações” (Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, p. 43, 44).

Paulo afirma que “o nosso homem interior se renova de dia em dia” (2Co 4:16). Essa é uma referência à natureza espiritual do ser

humano, regenerada pelo Espírito Santo. A vida espiritual não pode nem deve ser estática; ela precisa ser construída através da comunhão exercida diariamente, momento a momento, sem intervalos. Portanto, essa regeneração da qual Paulo fala é fruto de nossa permanência em Deus.

Permanência

Disse Jesus: “Permanecei em Mim, e Eu permanecerei em vós... Quem permanece em Mim, e Eu, nEle, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15:4, 5). Mudando a segunda cláusula de reciprocidade, o Mestre deixou clara a maneira pela qual Ele permanece em nós: “Se permanecerdes em Mim, e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será feito” (Jo 15:7). Podemos concluir que a permanência de Jesus

em nós ocorre por meio da Palavra. Nesse caso, fica fácil entender as palavras de Jeremias: “Achadas as Tuas palavras, logo as comi; as Tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração...” (Jr 15:16).

A Bíblia deve ser nosso alimento espiritual diário. É impossível abrir mão da Palavra sem sofrer alguma perda para a vida espiritual. Segundo uma lenda, um jovem procurou o melhor cortador de lenha da região, um homem idoso e sábio, e pediu para ser seu discípulo, a fim de aperfeiçoar o conhecimento. O mestre concordou e começou a lhe ensinar. Depois de algum tempo, o aluno, sentindo-se mais apto que o professor, o desafiou para uma competição. O mestre aceitou o desafio para ver quem conseguia cortar mais árvores durante um dia. O jovem trabalhava sem parar, desferindo vários golpes nas árvores que não resistiam à fúria do machado. Às vezes, ele parava para ver o desempenho do mestre e o via descansando. Isso fortalecia o jovem em sua determinação e o levava a desdenhar do professor, afirmando que ele era demasiadamente velho para suportar o ritmo da prova.

Terminada a competição, para surpresa do rapaz, o mestre o havia superado no número de árvores cortadas. Incrédulo, ele disse: “Não posso acreditar! Não parei de cortar lenha o dia inteiro, mantive a energia concentrada nisso, enquanto o senhor parou várias vezes para descansar.” Serenamente, o mestre respondeu: “Enquanto descansava, eu amolava o machado. Você estava tão empolgado em cortar lenha, que se esqueceu desse pequeno, porém importante, detalhe” (Lair Ribeiro, *Comunicação Global*).

Muitas vezes, queremos desfrutar vida espiritual sadia, mas negligenciamos o que, para uns, é um detalhe insignificante, mas, para o Mestre, é de fundamental importância: comunhão pessoal e diária com Ele. À época do êxodo, pela experiência do maná, Deus tentou

reeducar os judeus, que por muito tempo se haviam esquecido da importância de se manter unidos a Ele. Cada dia, antes do alvorecer, eles deviam colher o suficiente para as necessidades diárias. Se tentassem acumular para o dia seguinte, o maná apodrecia e cheirava mal. Ele era uma confirmação de que Deus é nosso provedor; e que devemos diariamente depender dEle.

No ritmo frenético da vida moderna, as pessoas vivem espremidas entre incontáveis reuniões, compromissos pessoais, familiares e da igreja. Talvez reste pouco, ou nenhum tempo para a vida devocional relevante. O que fazer? Trabalhar dessa maneira é como tentar cortar madeira com um machado sem fio. Impressionamo-nos com o volume de atividades diárias e acabamos justificando nossa indiferença espiritual com a velha e conhecida desculpa: “Não tenho tempo”. Ao observarmos a vida de Cristo, surpreende-nos a quantidade de trabalho que Ele realizava, sem deixar em segundo plano a comunhão com o Pai.

Renovação indispensável

Se você deseja começar a priorizar o relacionamento pessoal com Deus, mas não sabe como fazê-lo, aqui estão duas sugestões: Para começar, se não puder dedicar uma hora diária, comece com meia hora, ou quinze minutos; depois, vá adicionando mais tempo à sua devoção, até atingir o tempo que Deus considera ideal. Utilize alguns minutos na hora do almoço para refletir no que você aprendeu na respectiva manhã.

Há um pensamento, atribuído a Miguel Ângelo, que diz o seguinte: “Quanto mais se gasta o mármore, tanto mais cresce a estátua” (Russel N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 4, p. 330). Gastar o mármore pode ser interpretado como o tempo investido em comunhão, o que exige uma reordenação de prioridades, esforço permanente e contínuo para permanecer ligados ao Senhor. Embora isso

requiera disciplina e perseverança, o resultado compensa, ou seja, quanto maior for o investimento, tanto maior será o dividendo. O crescimento da estátua pode ser entendido como o desenvolvimento da vida espiritual.

Todos necessitamos dessa renovação diária. Ela é tão indispensável à saúde espiritual como o alimento é indispensável à saúde física. Aqueles que negligenciam o cuidado com o próprio crescimento espiritual correm risco de experimentar o que foi predito pelo profeta Amós: “Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a Terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. Andarão de mar a mar e do norte até ao oriente; correrão por toda parte, procurando a Palavra do Senhor, e não a acharão” (Am 8:11, 12).

“Os que não apreciam, não estudam nem prezam ternamente a Palavra de Deus proferida por Seus servos terão razão para se lamentar amargamente no futuro. Vi que, no fim do tempo, o Senhor, em juízo, andará pela Terra; as terríveis pragas começarão a cair. Então, os que desprezaram a Palavra de Deus, os que a tiveram em pouca conta, ‘andarão de mar a mar, e do norte até o oriente; correrão por toda parte, procurando a Palavra do Senhor, e não a acharão” (Ellen G. White, *Eventos Finais*, p. 234, 235).

Uma pergunta que muitas pessoas fazem é a seguinte: Quais são os recursos que devem ser utilizados na busca de renovação espiritual? Estes são os principais: Oração, estudo da Bíblia, estudo da Lição da Escola Sabatina e testemunho. Quando priorizarmos nosso relacionamento com o Senhor, e nos organizarmos de tal maneira que dediquemos a Ele a primeira hora do dia; quando nossa vida for colocada em sintonia com a soberana vontade dEle, então se cumprirá a promessa de Jesus Cristo: “Buscar-Me-eis e Me achareis quando Me buscardes de todo o vosso coração” (Jr 29:13). ▀



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

O pastor e a cidadania

O pedido de Cristo: “Faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu” nos convida a uma reflexão sobre o serviço ao semelhante

Muitos dos meus amigos cristãos se identificam como conservadores sociais e promovem suas respectivas convicções políticas. Também me importo com o assunto, e acredito que devemos estar sempre bem informados e ser mais participativos nas questões que dizem respeito à cidadania. Os cristãos devem tentar mudar o mundo em que vivem. Mas, quando sou pressionado por alguns mais fervorosos em seu alinhamento político, apresento-lhes a sugestão de seguir o exemplo de Jesus em Sua preocupação ativa pelo bem-estar humano. Ele agiu a partir de uma visão de mundo formada através do relacionamento com Deus, não por argumentos de instituições políticas nem pronunciamentos de

comunidades comprometidas com interesses partidários.

Compreender a mundivisão de Cristo requer que primeiramente notemos a preocupação dEle pelo bem-estar da sociedade. Solicitado a ensinar como orar, Ele articulou a Oração do Senhor, um modelo que tem encontrado lugar na liturgia da igreja, tanto pela formulação rítmica como pelo conteúdo penetrante. A invocação na terceira linha dessa oração desafia o zeloso cristão com respeito à sua responsabilidade social: “Faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu” (Mt 6:10). Buscando a soberania de Deus no presente, a oração se assemelha ao *Qaddish*, antiga prece aramaica, geralmente usada para concluir o culto na sinagoga.

Como um judeu do primeiro século, Jesus provavelmente tenha recitado o *Qaddish*, que diz: “Exaltado e glorificado seja Seu grande nome no mundo que Ele criou de acordo com Sua vontade. Permita Ele que Seu reino governe todos os dias da nossa vida e os dias de toda a casa de Israel, agora e sempre” (R. T. France, *The Gospel of Matthew, New International Commentary*, p. 243).

Oferecida em um contexto de opressão, escravidão, injustiça, desigualdade, abuso e indiferença, a súplica de Jesus – “faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu” – representa uma petição radical. Para o Israel dos dias de Jesus, um pedido para que a vontade de Deus fosse feita na Terra podia ser interpretado como significando a

derrota do ímpio governo romano. As esperanças messiânicas estavam envolvidas com a soberania política, e Ele poderia ter sido entendido como estando em defesa de soluções políticas. Entretanto, Jesus removeu a identidade nacional de Israel presente no *Qaddish* e apelou em favor do império da vontade de Deus em toda a Terra, sobre povos e nações.

O que Jesus queria dizer? Por que os discípulos pediram que Ele lhes ensinasse a orar? A vida dos judeus do primeiro século era preenchida com oração. Havia orações de manhã e à noite, recitação de salmos como orações, reconhecimento do templo como lugar de oração e recitação de orações na sinagoga. Que necessidade havia para um novo modelo de oração? Em parte, a resposta é que eles esperavam instruções sobre como orar. Mas, Jesus também quis reinterpretar a comunidade de fé através da oração. Ele abordou o que era mais importante para Deus na comunidade e buscou fixar esses valores na mente dos discípulos. O que Ele quis dizer é ratificado por Sua vida.

Compaixão social

A vontade de Deus na Terra nos convida a refletir sobre o serviço ao semelhante. Uma teologia pastoral que dirija o engajamento da igreja com as necessidades humanas na sociedade começa com a experiência de Jesus. Tendo pouco tempo para a missão, Ele demonstrou compaixão social ao longo de Seu ministério. Não usou Seu propósito escatológico para ignorar o sofrimento presente. As cinco demonstrações seguintes de preocupação social nos dizem alguma coisa sobre Sua mundivisão e Seu ativismo.

Defesa das crianças. Quando crianças Lhe foram levadas, Ele disse: “Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a Mim, porque dos tais é o reino dos céus” (Mt 19:14). Em uma cultura que oferecia educação seletiva, Ele afirmou: “E quem der a beber, ainda que seja um copo de

água fria, a um destes pequeninos, por ser este Meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão” (Mt 10:42). Em pelo menos duas ocasiões, Ele ensinou que servir a uma criança é servir a Ele. Para Jesus, os negócios do reino não são antitéticos à preocupação pela educação, proteção e bem-estar infantil.

Saúde e cura. “Ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias Lhos traziam; e Ele os curava, impondo as mãos sobre cada um” (Lc 4:40). O doente era Sua preocupação constante. Ele interrompia Sua agenda de atividades para ministrar cura a pessoas que necessitavam dela. Frequentemente, a cura física expressava restauração espiritual. Porém, também não raro, como na casa de Simão, Jesus ministrou ao doente porque a necessidade alheia era o centro de Seu ministério. Sua preocupação com saúde e cura era universal, sem limites de pobreza, educação, condição social e fé.

Demonstração de igualdade. Cristo alimentou relacionamentos com pessoas socialmente discriminadas. Nenhum mestre judeu podia conversar abertamente com uma mulher, muito menos samaritana. Porém, estando Ele junto ao poço de Jacó, em Samaria, “veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: dá-Me de beber” (Jo 4:7). A subsequente execução daquele ministério à mulher foi um notável contraste para as desigualdades entrelaçadas na experiência cultural de Seu tempo. E os seguidores de Cristo, na igreja primitiva, conheciam bem a vontade de Deus na Terra, com respeito à igualdade: “Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

Ajuda ao pobre. Jesus não tinha riquezas para partilhar. Mas, os pobres recebiam Seu respeito e atenção. A oferta de uma viúva pobre foi exaltada como evidência de um grande caráter (Lc 21:3, 4). Ele pregou salva-

ção ao pobre (Mt 11:5), desdenhou a abundância na presença da pobreza (Lc 18:18-25) e alimentou famintos. Obviamente, a igreja fundada por Seus seguidores aprendeu dEle a compaixão pelo pobre. Todos partilhavam mutuamente suas possessões (At 2:44, 45).

Busca da justiça. Apresentado a uma mulher acusada de atos que, pelas leis judaicas, requeriam a morte, Jesus confrontou a natureza do julgamento e dos acusadores: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra” (Jo 8:7). Num ato, Jesus defendeu o indefensável, advogou justiça para todos e uniu redenção e justiça. Na ocasião em que expulsou do templo aqueles que faziam do lugar de oração um mercado, Cristo expressou interesse pelos direitos universais sem considerar poder ou posição.

Justiça e estruturas políticas

Se o pedido: “faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu” significa que a sociedade deve ser governada por leis teístas para estabelecimento de normas religiosas, isso não é aparente na vida e nos ensinamentos de Jesus. Ele buscou transformação aqui e agora. Defendeu crianças, promoveu saúde e cura para todos, promoveu igualdade, ajudou os pobres e praticou a justiça; defendeu todas as causas morais que refletiam justiça na sociedade, mas declinou do poder governamental para cumprir Seus objetivos. Jesus sabia da fraqueza inerente à humanidade; conhecia o abuso de poder que inevitavelmente acompanha as estruturas na sociedade humana, seja no âmbito político ou religioso.

Ambições corruptas. Jesus Cristo advertiu aqueles que deveriam formar a estrutura da igreja cristã primitiva contra suas próprias tentações relacionadas ao poder: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser

tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva” (Mt 20:25, 26).

O próprio Cristo enfrentou essa tentação, quando os discípulos, raciocinando que os poderes manifestados por Ele, para curar doentes e alimentar famintos, deveriam ser ampliados no interesse nacional: “Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-Lo para o proclamarem rei, retirou-Se novamente, sozinho, para o monte” (Jo 6:15).

Não é que Jesus nada tivesse a dizer sobre assuntos políticos ou evitasse atos públicos. Basta olhar o Sermão da Montanha para perceber Seu ativismo, posicionado por Mateus como o clímax de Seu ministério terrestre. Aquele sermão identifica Jesus para os leitores de Mateus. A genealogia, o nascimento, o anúncio de João Batista, as curas, tudo contribui para o crescimento da popularidade do Seu ministério. Cristo lançou um movimento acompanhado de grande interesse. “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a Sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-Lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E Ele os curou. E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e além do Jordão numerosas multidões O seguiam” (Mt 4:23-25).

Então, aconteceu o sermão. Com indomável coragem, Ele destruiu as ideias hierárquicas do império político dos romanos e das elites religiosas do mundo judaico. As pessoas verdadeiramente abençoadas não fazem parte da elite poderosa, mas da população comum, o pobre, humilde, perseguido e pacificador. Seu reino não é estabelecido de cima para baixo, mas a partir dos que são considerados de menor importância.

Com absoluta clareza, Jesus corrigiu a superficialidade das abordagens técnicas da letra da lei, e que

ignoravam o espírito dela. Ele previu um mundo pluralístico no qual amamos não apenas nossos vizinhos e amigos; a pureza de coração é a medida da fidelidade, um mundo no qual damos em vez de emprestar em benefício próprio, onde o verdadeiro tesouro está no coração e onde nos abtemos de julgar. Sua ética mais clara é vista em consonância com Suas palavras: “Tudo quanto, pois, queis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas” (Mt 7:12).

No meio de sermão, Ele inseriu as instruções sobre oração na qual incluiu a invocação: “Faça-se a Tua vontade, assim na Terra”. Não podemos ignorar isso. O Sermão da Montanha proclama Seu desejo pela criação de uma ordem justa na Terra.

Neste mundo em que a política e a religião imergem nas estruturas governamentais, Jesus orou por uma mudança de coração, rejeitou o poder político pessoal e demonstrou compaixão. Serviu desinteressadamente às pessoas; isto é, aliviou o sofrimento humano por nenhuma outra razão exceto porque era sofrimento de pessoas. Conhecendo a condição humana, sabiamente Ele Se absteve de atribuir às estruturas políticas qualquer responsabilidade pelo comportamento justo da sociedade.

Seguindo o exemplo

Como deveríamos nós, modernos seguidores de Cristo, manter a fé em um mundo político?

A primeira observação é nosso chamado para servir aos nossos semelhantes, independentemente da crença religiosa deles. Assuntos como educação, proteção e direitos infantis; cuidado pela saúde de toda pessoa; igualdade, alívio das condições de pobreza e garantia de justiça devem estar integrados à nossa divisão cristã, simplesmente porque somos seguidores de Cristo.

A segunda observação é o risco de designar qualquer responsabilidade às estruturas políticas por meio dos comportamentos enraiza-

dos em crenças religiosas. Muitos de nós temos percebido os perigos inerentes às sociedades teístas em que governo e religião se misturam e a população aplaude a coação governamental às instituições religiosas. Entretanto, regimes democráticos também estão sujeitos às preferências justas e injustas de suas maiores religiosas. Quando pessoas recorrem à influência política para impingir pontos de vista religiosos em matéria de cultura, mesmo sem intenção, elas distorcem a mundivisão de Jesus e a natureza de Deus. Organizações políticas inevitavelmente se agarram a questões específicas de seu próprio interesse e conveniência, enquanto ignoram outras importantes questões.

Acaso, isso significaria que nossas estruturas políticas sempre ignoram, ou deveriam ignorar a visão de um mundo justo? Não. Educação, proteção e direitos das crianças, saúde para todos, igualdade, alívio da pobreza e garantia de justiça devem ser o interesse de nossa sociedade e suas instituições governamentais. À semelhança do que muitos fizeram no passado, os clérigos devem advogar e trabalhar em favor do bem público. Nossas instituições públicas são importantes e podem servir à humanidade. Mas esses interesses são necessariamente perseguidos em uma sociedade pluralística, sem preferências nem preconceitos.

Os cristãos, especialmente pastores, devem usar sua positiva influência na vida pública, agindo compassivamente e apoiando as questões que refletem a preocupação de Jesus com as pessoas. Busquemos a justiça na sociedade, como fizeram muitos antes de nós. Animemos as pessoas a exercer responsabilmente seus deveres cívicos. Sirvamos à comunidade, lembrando-nos de que Jesus nunca usou o poder político para forçar crenças religiosas. Submetamos nosso coração e mente ao controle de Cristo, não das instituições humanas. Em Seu nome, sirvamos ao nosso semelhante. ▀

Um chamado especial

Características, objetivos e resultados do genuíno reavivamento

Todo verdadeiro reavivamento é caracterizado por três coisas: oração, estudo da Bíblia e comprometimento com salvação de pessoas. Essas três características foram manifestadas na experiência dos primeiros cristãos. A promessa de Jesus quanto ao derramamento do Espírito Santo não foi dada sem condições. Os discípulos não deviam esperar o cumprimento dela em inatividade, mas unidos em oração sincera e fervorosa: “Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dEle” (At 1:14).

No momento certo, quando o Redentor foi exaltado e a aceitação de

Seu sacrifício foi reconhecida pelo Pai, diante de todo o Universo, o Espírito Santo foi derramado em Sua plenitude. Somos aconselhados a, “mediante confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração, cumprir as condições estipuladas por Deus em Sua promessa para conceder-nos Sua bênção. Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 121). Sem a capacitação do Espírito Santo, seremos impotentes para enfrentar as tentações e incapazes de ser efetivas testemunhas do Mestre.

Bíblia e oração

Os discípulos mergulharam a vida

na oração e no estudo da Palavra de Deus. No dia de Pentecostes, o sermão de Pedro foi uma apresentação magistral sobre o Messias, fundamentada nas evidências do Antigo Testamento. Como resultado, três mil pessoas foram batizadas naquele dia. Elas “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão” (At 2:42) e, “com intrepidez, anunciavam a Palavra de Deus” (At 4:31). Os apóstolos consagraram-se “à oração e ao ministério da Palavra” (At 6:4). Então, “crescia a Palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos” (At 6:7)

As verdades da Escritura fundamentam todo reavivamento e reforma. Não há genuíno reavivamento

sem o correspondente aumento do interesse pelo estudo da Bíblia. À medida que lemos e meditamos sobre a Bíblia, o mesmo Espírito Santo que a inspirou também nos inspira.

O propósito de uma vida de oração não é alcançar um grau de santidade que nos torne superiores aos demais. Apenas nos ajuda a compreender nossa necessidade, levando-nos ao Senhor para receber Sua justiça, graça, sabedoria e força. A vida de oração nos capacita para revelar o caráter amoroso de Jesus às pessoas, de modo que possamos ser poderosas testemunhas de Sua graça e verdade. Como escreveu Ellen G. White, “os discípulos oraram com intenso fervor para ser habilitados a se aproximar dos homens, e em seu trato diário, falar palavras que levassem os pecadores a Cristo” (*Atos dos Apóstolos*, p. 37).

Testemunho poderoso

Oração sem foco na missão leva à autojustificação e orgulho farisaico. Missão sem oração leva a testemunho sem poder e ineficaz. Oração e missão sem o fundamento da Palavra de Deus criam o clima para heresias. Oração, estudo da Bíblia e missão são as marcas do verdadeiro reavivamento.

O atual chamado da Igreja para reavivamento é o chamado do Espírito Santo a uma experiência mais profunda com Jesus, em antecipação do poder da chuva serôdia, necessário à proclamação final das três mensagens angélicas de Apocalipse 14. Isso não implica que o Espírito Santo não tenha guiado, instruído e capacitado a igreja no passado. O notável crescimento dela nos últimos anos e a fidelidade do povo de Deus são claros indicadores das bênçãos do Senhor. Entretanto, o que o Espírito Santo fez no passado não é suficiente para hoje. Ele está nos chamando a uma experiência renovada.

Necessitamos a capacitação do Espírito para cumprir a missão de Deus neste momento solene da história da Terra. Há muito tempo, Ele tem desejado derramar a chuva serôdia

sobre Sua igreja. Precisamos nos submeter ao Senhor, pedindo que Ele perdoe nosso orgulho e autocentrismo. “A descida do Espírito Santo sobre a igreja é olhada como estando no futuro; é, porém, o privilégio da igreja tê-la agora... Precisamos tê-la, e o Céu espera para concedê-la.” (*Evangelismo*, p. 701).

O Senhor apela a todo membro da igreja a ter mais profundo relacionamento com Ele, em oração, estudo da Bíblia e do Espírito de Profecia, conforme manifestado nos escritos de Ellen G. White. Chama-nos ao mais profundo comprometimento com o testemunho e o evangelismo. A missão de Deus deve ser cumprida no poder de Deus (Zc 10:1; Rm 9:28).

Contrafação

O inimigo odeia o reavivamento e fará tudo o que lhe for possível para impedi-lo entre o povo de Deus. Ele sabe que com o derramamento do Espírito Santo, a missão de Deus sobre a Terra será concluída. “Não há coisa alguma que Satanás tema tanto como que o povo de Deus desimpeça o caminho mediante a remoção de todo impedimento, de modo que o Senhor possa derramar Seu Espírito sobre uma enfraquecida igreja e uma congregação impenitente. Se Satanás pudesse fazer o que ele queria, nunca haveria outro despertamento, grande ou pequeno, até ao fim do tempo” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 124).

De fato, através da história do cristianismo, ele tem tentado contrariar a influência dos reavivamentos ungidos pelo Céu. “Ele [Satanás] está trabalhando com todo o seu poder insinuante, enganador, para desviar os homens da mensagem do terceiro anjo, que deve ser proclamada com forte poder. Se Satanás vê que Deus está abençoando Seu povo e preparando-o para discernir os enganos dele, então ele trabalha com sua magistral capacidade para introduzir fanatismo de um lado e frio formalismo de outro, para que ele possa ceifar uma colheita de pessoas” (*Ibid.*, v. 2, p. 19).

Objetivo

Todo genuíno reavivamento leva homens e mulheres a revelar na vida os frutos do Espírito (Gl 5:22-24). É ilusório o reavivamento superficial, que focaliza principalmente milagres, manifestações físicas e sinais. Evidentemente, Deus pode fazer milagres, e haverá poderosas manifestações do Espírito nos últimos dias. Mas, o principal objetivo do reavivamento é a revelação do caráter amoroso de Cristo em nossa vida, e o desejo de partilhar esse amor com outras pessoas. Não significa apenas que a igreja adquira uma vaga experiência de aquecimento espiritual, mas provê motivação e poder para o cumprimento da missão. Quanto mais amamos a Jesus, mais desejamos partilhar Seu amor.

Resultados

Quando acontece o genuíno reavivamento, igrejas “petrificadas pelo formalismo” são inflamadas com nova vida em Cristo. A “forma de piedade” que caracteriza a mornidão laodiceana em muitas igrejas dá lugar à oração, ao estudo da Bíblia e entusiasmado testemunho. O genuíno reavivamento é equilibrado; não é um comportamento extremista nem demonstração emocional. Ele está focalizado em Jesus, Sua Palavra, e em descobrir formas de testemunhar e servir. Quando a igreja falha em dar prioridade à salvação de pessoas, ela morre espiritualmente.

O reavivamento não leva à “santificada autojustificação”; leva ao evangelismo. Sua paixão é ganhar pessoas para Deus. Seu alvo é ter homens e mulheres redimidos no reino de Deus. O grito de seu coração é por pecadores redimidos junto com Jesus, através dos séculos da eternidade.

Creemos no sonho de Deus no sentido de que, em breve, Sua missão seja cumprida. Como líder da igreja, junte-se a nós nesse projeto. Nossa oração é que o Espírito Santo seja derramado sobre todos nós, a fim de que possamos cumprir a missão que Deus nos confiou. “Amém. Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20). ▀

A família cresceu!

Chegou SUCO Frutt's Maracujá



1 Litro

TELEVENDAS (11) 2842-1800
LOJA VIRTUAL WWW.SUPERBOM.COM.BR

Qualidade de vida é
Superbom
desde 1925®



MARCADOS PELO FUTURO

Douglas Reis, Editora Ados Ltda, Niterói, RJ, tel.: (21) 2628-0534, ados@ados.com.br, 160 páginas.

Neste livro, temas como pós-modernidade, evolucionismo, questionamentos sobre a confiabilidade das Escrituras, entre outros, são analisados com profundidade. O livro ainda oferece mais de 100 referências que ajudam pastores e líderes a manter e proclamar a esperança, mesmo no período conturbado em que vivemos.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO MISSIONÁRIO

Justo L. González e Carlos Cardoza Orlandi, Editora Hagnos, São Paulo, SP, tel.: (11)5668-5668, hagnos@hagnos.com.br, 543 páginas.

Cristãos de todas as épocas têm se empenhado na pregação do evangelho, dirigindo-se aos lugares mais remotos da Terra, colaborando com ofertas, ou entregando a própria vida. Mas, também têm existido aqueles que tiram proveito pessoal da grande comissão. Este livro nos chama a seguir a linha dos que deram testemunho de fé, e nos adverte contra o perigo de imaginar que não precisamos nos preocupar com as consequências de nossas atitudes.



A ILUSÃO DE AVATAR OU A REALIDADE DO CÉU?

Elizeu C. Lira, Pérgamo Edições, Uberlândia, MG, tel.: (34) 3257-4808, comercial@pergamoedicoes.com.br, 161 páginas.



Uma das consequências do lançamento do filme *Avatar* foi o surgimento de um grupo de pessoas conhecidas como “avatarmaníacos”, com anseio de transformar o mundo virtual em realidade. Este livro foi escrito como brado de alerta contra os efeitos nocivos causados por ilusões desse tipo. Além disso, o autor conduz o leitor à redescoberta da “essência e da beleza do cristianismo” para “o rio brilhante como cristal, a cidade-jardim, a árvore da vida, o trono de Deus e do Cordeiro”.

VEJA NA INTERNET

www.cristianismohoje.com.br



Esse é o *site* da publicação evangélica independente *Cristianismo Hoje*, a qual mantém parceria com a famosa *Christianity Today*, por isso apresenta certa quantidade de artigos traduzidos da congênera internacional.

É um *site* bem organizado, que destaca, na página de abertura, os últimos textos acrescentados. Na barra que fica logo abaixo do título, estão os *links* para as seguintes áreas: “Entrevistas” (Internacionais e Nacionais); “Artigos” (Espiritualidade, Família, Liderança, Mulher, Teologia, etc.); “Colunas” (classificadas pelo nome dos colunistas) e “Blogs”.

Pela qualidade e variedade do seu conteúdo esse *site* merece ser colocado nos Favoritos – *Márcio Dias Guarda*



Marcos F. Bomfim

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

O pastor que caminhava

A primeira lembrança que tenho do pastor Rudolph Harder é de 1969, quando morávamos em Campo Grande, MS, e minha irmã e eu ficamos aos cuidados da esposa dele, irmã Guiomar, quando nasceu nosso irmão. Anos mais tarde, já como pastor na Associação Paulista Sul, fui honrado com o privilégio de ser companheiro de ministério de santos homens de Deus como o pastor Harder, então, mais perto da jubilação.

Mas, foi numa conversa informal entre pastores, durante um concílio, que recebi desse homem o maior legado. Estávamos impressionados pelo reavivamento quanto à reforma de saúde que acontecia naquele Campo, e o assunto da conversa era sobre a maneira de organizar a agenda, de modo que, diariamente, pudéssemos fazer exercícios físicos.

O pastor Harder contou que, durante o período em que trabalhou em Santos, SP, o melhor lugar para sua caminhada era o calçadão, à beira-mar. “Procuro decorar algum trecho do livro *O Desejado de Todas as Nações*, que fale sobre Jesus”, dizia ele, “e baixo os olhos enquanto caminho, procurando recitar o trecho decorado. Faço isso para evitar cenas impróprias, sempre disponíveis à beira-mar.” Revelou ainda que, no fim da caminhada, procurava um local mais retirado e, com o boné sobre o rosto, se deitava por alguns instantes sobre a grama. “Quem passa, imagina que estou dormindo, mas fico ali meditando, orando e falando com Deus”, completou.

Porém, não foram os hábitos físicos ou devocionais que me impressionaram naquela dia, e sim a percepção de que homens como ele, que andam com Deus, também precisam lutar contra as mesmas terríveis tentações que me assediavam e preocupavam. Antes disso, não imaginei que um ministro de Deus teria que viver lutando contra a impureza! Porém,, diante de mim estava alguém que tinha lutas semelhantes às minhas, e que as superava!

Compreendi, então, que um servo de Deus é “tomado dentre os homens”, ou seja, é um homem comum, de

carne e osso, sujeito às mesmas paixões de todos os demais, e que enfrenta os mesmos conflitos. Justamente por isso, “é capaz de conder-se dos ignorantes e dos que erram, pois também ele mesmo está rodeado de fraquezas” (Hb 5:2).

O pastor não é alguém que paira acima das lutas dos mortais, mas que toma a frente nas mesmas batalhas, encorajando outros pelo exemplo. Que ânimo recebi naquele dia! Que encorajamento para continuar lutando e também para esconder a Palavra de Deus no coração, a fim de não pecar! Com o pastor Harder, aprendi que a mente pura não é obra do acaso, mas de uma luta renhida para desviar o coração das coisas terrestres, “levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10:5).

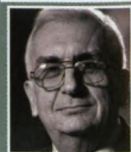
“A mente pura é resultado da luta para levar ‘cativo todo pensamento à obediência de Cristo’”

Não apenas por ser pastor, mas por ser filho de Deus, hoje aceito o fato de que admirar e explorar com os olhos uma mulher, desejando alguém que não é minha esposa, seja na igreja, na rua, em *outdoors*,

internet, revistas, anúncios comerciais, programas ou filmes de TV, sempre contamina meu caráter, ainda que ninguém saiba. É pecado.

Também preciso reconhecer que algumas atitudes consideradas socialmente amenas, como ouvir ou contar anedotas de conotação sensual, excesso de cordialidade nos cumprimentos, beijinhos efusivos, abraços demorados, caronas, visitas ou aconselhamento a sós, elogios ao corpo ou à roupa, apesar de amplamente aceitas por nossa cultura, podem alimentar más inclinações e fragilizar minha resistência. Por isso, são condenadas por Deus (ver *O Lar Adventista*, p. 326-339).

“Fiz aliança com os meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?”, disse o patriarca (Jó 31:1). Senhor, me ajude a fazer o mesmo! Muito obrigado, pastor Harder! Como ministro de Deus, meu critério de pureza não pode ser fundamentado na cultura vigente, mas no “assim diz o Senhor”. ▀



Memórias de um homem rico

Mudanças fazem parte da vida, incluindo a vida de um pastor. Mudamos de um período de treinamento para assumir uma tarefa designada; então, com o passar do tempo, passamos a mudar de uma tarefa para outra. Também testemunhamos as mudanças experimentadas pelos membros de nossas igrejas. Algumas mudanças são dolorosas e outras são experiências felizes. Porém, independentemente de como sejam, elas ocorrem.

Em meados de setembro passado, depois de orar muito e ouvir opiniões de familiares e amigos, tomei a decisão de me aposentar. Esperei com grande expectativa a chegada desse momento, mas não é por isso que o considerarei ser um tempo para repousar e nada fazer. Anseio realmente desfrutá-lo, porque poderei focalizar certos projetos pessoais e ministeriais que, faz algum tempo, integram minha lista de coisas a fazer. A aposentadoria me dará oportunidade para redirecionar o foco e continuar respondendo ao chamado de Deus.

Meu ministério continuará; entretanto, será diferente. Meu papel mudará e, neste ponto da mudança, tenho cedido à tentação de refletir. Sei que nem sempre as pessoas que se aposentam acham fácil refletir durante esse momento. Afinal, como expressar em poucas palavras uma reflexão sobre um ministério de 40 anos? Por isso, me limito a estas poucas observações:

Ministério é ministério. Trabalhei como pastor, diretor de departamento, administrador e, desde 2005, como editor. Apreciei todas essas atividades. Cada uma produz alegrias e tristezas. Por isso, não posso estabelecer uma função que tenha sido mais realizadora que a outra. Qual foi o papel mais importante? Nos círculos adventistas do sétimo dia, essa pergunta sempre é feita e recebe a seguinte resposta: “O trabalho pastoral.” Entretanto, é necessário reconhecer as qualidades essenciais de todas as atividades ministeriais. Não existe uma atividade mais importante que a outra.

Não seremos lembrados pelos títulos que tivemos, mas pela nossa fidelidade ao chamado que Deus nos fez.

A tentação dos rótulos. Rotular pessoas é uma prática mundialmente generalizada que apenas confunde o diálogo. Isso é feito também no ministério. Provavelmente, você já tenha ouvido rótulos como “liberal”, “conservador”, “pós-moderno”, “inovador”, “fora de moda”. Às vezes, também somos tentados a nos rotular a fim de nos tornar mais apelativos na rotulação de outros numa perspectiva de julgamento.

Os críticos de Jesus Cristo colocaram nele vários rótulos. Mas, em vez de rotular a mim ou a você, aqui estão algumas interrogações que devo fazer para mim mesmo: Sou fiel ao chamado que Deus me fez? Sou fiel à Sua Palavra? Vivo de maneira ética? Que outras perguntas você faria a si mesmo?

Colaboradores fiéis. Como pastores, às vezes, temos que tratar com algumas pessoas muito difíceis, até mesmo exóticas. Todavia, no meio desses desafios, posso focalizar muitos bons e fiéis colaboradores que têm sido parte de meu ministério. Penso agora em muitos

líderes das igrejas que pastoreei. Reflito sobre muitos colegas que, apoiando meu ministério, o tornaram mais alegre. Não posso esquecer aqueles com os quais fizemos a revista *Ministry*, durante os últimos cinco anos.

Agradeço à minha esposa, Ruth, verdadeira parceira ministerial, aos nossos filhos e aos que se uniram a eles. Todos me apoiaram entusiasmadamente em meu ministério. Louvo a Deus por todos eles.

Deus está no controle. Muitas pesquisas mostram que o cristianismo está enfrentando dificuldades. Algumas dessas pesquisas necessitam ser levadas a sério, mas um relatório é superior a todas elas: o da Palavra de Deus. Essa Palavra nos diz que Deus formou a igreja e continuará liderando Seu povo até a segunda vinda de Jesus Cristo. Isso reaviva em mim a esperança!

Aposento-me como um homem pastoralmente rico! ▀

“Não seremos lembrados pelos títulos que tivemos, mas pela nossa fidelidade ao chamado de Deus”



AMIGOS da ESPERANÇA

www.esperanca.com.br

ABRIL 16 DIA DOS AMIGOS DA ESPERANÇA

- 2 milhões de amigos juntos na Igreja
- 500 mil Lares de Esperança abertos
- 10 milhões de livros – *Ainda Existe Esperança*
- 2 milhões de *folders* apresentando a Igreja Adventista

ABRIL 17-24 SEMANA SANTA

- 60 mil pontos de pregação

**Cada adventista levando um amigo à igreja.
É a sua oportunidade. Participe!**